



O HERÓI DE NOSSA GENTE

Sem caráter, preguiçoso, sensual, Macunaíma veio ao mundo há exatos 70 anos, concebido pela pena irônica de Mário de Andrade

Págs. 10 e 11

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

M A I O/98 - ANO XIII - Nº 124

A vida começa aos 50
Pág. 7

Orçamento é aprovado
Pág. 3

Aposentadorias preocupam
Pág. 3

Piracicaba/Helício Toffi



Paisagem corrompida

Em busca de prestígio, cidades do Interior copiam padrões arquitetônicos da Capital

Págs. 8 e 9



Arquivo

CORRIDA CONTRA O TEMPO

Arqueólogos aceleram escavações para salvar relíquias pré-históricas de inundação

Pág. 16



Arquivo

Solidariedade universitária

Programa leva educação e saúde ao agreste pernambucano. Pág. 5

O ano que (ainda) não terminou

MARCELO RIDENTI



As novidades dos movimentos sociais e culturais de 1968 levaram Zuenir Ventura a chamá-lo "o ano que não terminou", pois as bases em que se apóiam as sociedades do presente teriam um forte laço de continuidade com aquele ano de ruptura com o passado. Contudo, assim como nenhum raio cai em céu azul, os eventos marcantes de 1968 foram gestados nas condições históricas precedentes. Em outras palavras, os acontecimentos extraordinários de 1968 devem ser pensados como uma condensação da experiência histórica passada e como prenúncio da História futura.

Nos anos imediatamente anteriores a 1968, foram vitoriosas ou estavam ocorrendo inúmeras revoluções de libertação nacional, por exemplo: a revolução cubana de 1959, a independência da Argélia em 1962, e a guerra no Vietnã. O sucesso dessas revoluções é fundamental para a compreensão das lutas e do ideário contestador de 1968: havia povos subdesenvolvidos que se rebelavam contra as grandes potências, para criar um sonhado mundo novo.

Por outro lado, os revoltosos de 1968 criticavam o modelo soviético de socialismo, tido como burocrático e acomodado à ordem internacional estabelecida pela "guerra fria", sem interesse em incentivar as transformações sociais, políticas e econômicas necessárias para chegar ao comunismo. Esse modelo só ruiria de vez com a desagregação da União Soviética, em 1989, mas já era contestado em 1968, por exemplo, no interior do Partido Comunista na Tchecoslováquia, cuja chamada "Primavera de Praga" foi destruída pela intervenção militar do Pacto de Varsóvia. A "revolução cultural proletária", em curso na China a partir de 1966 — que mais tarde viria a revelar seu lado trágico —, também parecia a setores jovens do mundo todo uma resposta ao burocratismo de inspiração soviética.

Movimentos de protesto e mobilização política surgiram por toda parte, em 1968: das manifestações nos Estados Unidos contra a guerra no Vietnã à "Primavera de Praga"; do maio libertário dos estudantes e trabalhadores franceses ao massacre de es-

tudantes no México; da alternativa pacifista dos hippies, passando pelo desafio existencial da contracultura, até os grupos de luta armada, espalhados mundo afora.

O comportamento das pessoas também mudava, por exemplo, nas relações entre os sexos (emancipação feminina crescente), no uso de anticoncepcionais e de drogas, na consolidação da televisão como principal meio de comunicação de massas, ocupando lugar cada vez maior no cotidiano das populações etc. Travavam-se lutas radicais de negros, mulheres e outras minorias pelo reconhecimento de seus direitos. Grupos da chamada "nova esquerda" sonhavam com a construção de uma nova sociedade, de um homem novo, nos termos de Che Guevara, recuperando o jovem Marx. Enfim, os sentimentos e as práticas de rebeldia contra a ordem e de revolução por uma nova ordem

eram para que frutificassem ações políticas e culturais inovadoras, buscando colocar "a imaginação no poder".

Foram aspectos comuns aos movimentos libertários de 1968 no mundo todo: inserção numa conjuntura de prosperidade econômica; crise no sistema escolar; ascensão da ética da revolta e da revolução; busca do alargamento dos sistemas de participação política, cada vez mais desacreditados; simpatia pelas propostas revolucionárias alternativas ao marxismo soviético; recusa de guerras coloniais ou imperialistas; negação da sociedade de consumo; aproximação entre arte e política; uso de recursos de desobediência civil; ânsia de libertação pessoal das estruturas do sistema (capitalista ou comunista); mudanças comportamentais; vinculação estreita entre lutas sociais amplas e interesses imediatos das pessoas; aparecimento de aspectos precursores do pacifismo, da ecologia, da antipsiquiatria, do feminismo, de movimentos de homossexuais, de minorias étnicas e outros que viriam a desenvolver-se nos anos seguintes.

Já se disse, com propriedade: o ano de 1968 não deve ser mistificado, mas sua importância não pode tampouco ser minimizada. As contestações de 1968 marcaram a História contemporânea. A profundidade e a extensão dessas marcas são até hoje objeto de muita discussão. Talvez o fascínio de 1968 venha de sua ambigüidade na promessa de construir formas de futuro renovadas, quer de um novo tipo de capitalismo, quer de socialismo. No entanto, o peso do passado viria a provar-se muito maior do que os militantes de 1968 supunham — tão grande, que muitos militantes da época viriam a passar para o campo conservador vitorioso, chegando até mesmo a ocupar cargos como os de Primeiros Ministros e Presidentes da República de governos que adotam medidas neoliberais em todo o mundo de hoje. Em que medida as promessas libertárias de 1968 foram, não foram, estão sendo ou ainda poderão ser cumpridas? As interrogações sobre 1968 permanecem em aberto.

Marcelo Ridenti é professor de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, e autor de *O fantasma da revolução brasileira* (Editora UNESP), *Política pra quê?: atuação partidária no Brasil contemporâneo* (Atual Editora) e *Professores e ativistas da esfera pública* (Cortez).



fundiam-se criativamente.

Além das especificidades de cada sociedade na época, houve uma série de condições comuns a vários países, o que permitiu o florescimento cultural e político do "clima 68" no mundo todo. Eis algumas dessas condições comuns, mais significativas nos países centrais, mas importantes também em países em desenvolvimento, como o México e o Brasil: crescente urbanização, consolidação de modos de vida e cultura das metrópoles, aumento quantitativo das classes médias, acesso crescente ao ensino superior, peso dos jovens na composição etária da população, incapacidade do poder constituído para representar sociedades que se renovavam, avanço tecnológico (por vezes, ao alcance das pessoas comuns, que passaram a ter cada vez mais acesso, por exemplo, a eletrodomésticos, notadamente aparelhos de televisão, além de outros bens, como a pílula anticoncepcional — o que possibilitaria mudanças consideráveis de comportamento etc. Essas "condições materiais" não explicam por si sós as ondas de rebeldia e revolução, apenas deram condi-

CARTAS

DE CORPO INTEIRO

Não é de hoje que acompanho a trajetória do *Jornal da UNESP*. Nestes últimos anos, na verdade, tenho feito uma leitura atenta de cada uma de suas edições, e, mesmo não sendo um hábito meu, faço questão de escrever-lhes para parabenizá-los. Nestas 16 páginas mensais a UNESP tem aparecido de corpo inteiro, e o que se vê é uma instituição dinâmica, séria e empenhada na melhoria da qualidade de vida de nossa população. O jornal, aliás, só se sustenta em sua diversidade porque vai buscar seus temas na própria Universidade. Na edição de abril, nº 123, por exemplo, passeia por temas tão díspares como a robótica e a literatura, a história e a sociologia, a medicina e a política, sempre tendo como referência a UNESP.

Milton Fernandes, psicólogo, Universidade Federal de Uberlândia, MG.

FONTE DE INFORMAÇÃO

Sou correspondente, no Brasil, da *Global Tech Ventures*, revista sediada em Nova York que aborda o desenvolvimento da tecnologia no mundo inteiro. Durante uma visita à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), tive contato com o *Jornal da UNESP*. Como continha várias informações interessantes para o meu trabalho, gostaria de saber como posso passar a recebê-lo.

Bili Hinchberger, correspondente da *Global Tech Ventures*, São Paulo, SP.

A partir desta edição, o jornal lhe será enviado mensalmente.

ÍNDIOSTERENA

Soube, por amigos, da publicação da reportagem "Agonia de uma raça" (edição de março de 98, nº 122), sobre meu trabalho fotográfico com os índios Terena, nas aldeias Kopenuti e Niumendaju, próximas a Bauru. Como estou nas Ilhas Canárias, na Espanha, realizando meu doutorado, não pude vê-la ainda. Gostaria que vocês me enviassem alguns exemplares dessa edição, para que eu possa divulgar o trabalho da Universidade por aqui.

Luiz Teixeira, professor de Fotojornalismo do Departamento de Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP, câmpus de Bauru.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Defendi, em artigo publicado na edição nº 116, de agosto de 97, do *Jornal da UNESP*, a necessidade de se repensar a extensão universitária como alternativa para evitar o sucateamento e a privatização do ensino superior. Recentes matérias publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* anunciam que o governo federal vai começar a incentivar a ampla participação do capital privado no sistema educacional brasileiro ainda este ano. Se não houver controle, isso pode ser o primeiro passo para a privatização das universidades — e, a longo prazo, de todo o sistema educacional. Clamo pela atenção das autoridades competentes, na UNESP e nas demais universidades públicas do Brasil, para a questão.

Eduardo Hiroshi, aluno do quarto ano de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) do câmpus de Bauru.

ELOGIOS COMPARTILHADOS

Parabéns à equipe do *Jornal da UNESP* pela reportagem *Novas técnicas, velhos problemas*, publicada na edição de março, nº 122, sobre a minha tese de doutoramento, defendida na Unicamp em 1996. Em poucas palavras, o repórter conseguiu sintetizar um tema reconhecidamente complexo, ou seja, a contribuição da economista inglesa Joan Robinson para as ciências econômicas. Recebi vários elogios pelo texto e gostaria de compartilhá-los com vocês.

Claudia Heller, professora do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Marla Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araçatuba), Wellington Dinelli (FO-Araçatuba), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), José Roberto Ernandes (IQ-Araçatuba), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Leffeld (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), Júlio César Durigan (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias

Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Wilson Mauricio Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: José Antonio Segatto, Marcelo Ridenti, Waltair Martão (reportagem);

Baptistão, Orlando, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração); e Márcia Minilo (fotografia)

Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo

Revisão: Maria Luiza Simões

Tiragem: 15.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.

e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br

Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial



Cresce número de aposentados

Em 1992, foram 141. Em 1997, 331, num aumento de 134,75%

A aprovação, no Congresso, em primeiro turno, da emenda constitucional nº 33, que institui a reforma da Previdência, está causando preocupação entre os servidores e docentes da UNESP. Tanto que se pode falar numa corrida pelas aposentadorias entre aqueles que já completaram seu tempo de serviço e os que já têm direito à proporcional. Desde 1992, o número de aposentados vem crescendo ano a ano, mas houve dois picos: um em 1995, quando a reforma começou a ser discutida no Congresso, e outro agora (leia quadro).

De acordo com dados da Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), em 1992, 141 servidores se aposentaram, dos quais 44 docentes. No ano passado, o número de aposentados saltou para 331, um aumento de 134,75%. Desses, 106 eram professores. Essa situação está preocupando o próprio reitor, Antonio Manoel dos Santos Silva. "Há departamentos na UNESP que correm o risco de se extinguir, caso os docentes resolvam se aposentar ao mesmo tempo", alertou, durante uma recente reunião do Conselho Universitário. "O problema preocupa, porque a Universidade não tem condições de contratar substitutos para todos os que se aposentarem. Além disso, por decisão do CO, as contratações de professores estão suspensas por um ano."

Essa é apenas uma das preocupações. O problema maior é o grande número de docentes que já têm direito de se aposentar. Dos 2.977 docentes efetivos, nada menos que 304 já completaram o tempo de serviço mínimo para a aposentadoria integral e 513 estão em condições de pedir aposentadoria proporcional, porque faltam menos de cinco anos para terem direito à aposentadoria integral. A maioria desses docentes não se aposentaria, mesmo tendo completado o tempo de serviço exigido. "Normalmente, eles continuariam trabalhando", explica o pró-reitor de Administração, Ricardo Antonio de Arruda Veiga. "Agora, no entanto, todos estão inseguros com a reforma da Previdência. Ninguém sabe que direitos vai perder, por isso, na dúvida, pede a aposentadoria."

MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

A assessora jurídica Doroti de Almeida Fadlalla explica que, embora a reforma ainda não esteja aprovada, poderão ocorrer mudanças significativas para servidores das universi-

dades. "A aposentadoria especial dos docentes do ensino superior, por exemplo, acabará", avisa Doroti. "Outra mudança que parece definitiva refere-se ao novo modo de cálculo dos proventos, estando garantido o recebimento integral apenas aos servidores que têm vencimentos de até R\$ 1.200,00. Quem ganha mais do que isso estará sujeito a um redutor, que será definido em legislação específica."

Outra mudança de interesse dos servidores diz respeito à licença-prêmio. De acordo com Doroti, no texto da reforma parece que o tempo de licença-prêmio somente poderá ser utilizado na data do pedido de aposentadoria, e esta deverá ser requerida antes da promulgação da Emenda. Há uma esperança, no entanto. Em uma palestra, proferida na Reitoria, no dia 6 de abril, o relator do projeto, deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP), afirmou ter proposto uma alteração no projeto para constar expressamente a discutida possibilidade, pois, embora o texto garanta os direitos adquiridos, incluindo-se o de aproveitar a licença-prêmio para integralização do tempo de aposentadoria, ainda há muitas dúvidas. "Isso evitaria novos pedidos de aposentadorias precoces", explica Doroti.



Hélio Toth

Depois da reforma

- 1 - Atuais aposentados não têm situação alterada.
- 2 - As pessoas que poderiam se aposentar na época da promulgação da Emenda e que não o fizeram têm seus direitos garantidos, tanto para a aposentadoria integral quanto para a proporcional. Os proventos serão calculados pela atual legislação. Não serão atingidas pelo redutor, que depende de lei regulamentadora.
- 3 - Quem entrar no mercado de trabalho depois da promulgação da Emenda, só poderá se aposentar, no caso dos homens, com a idade mínima de 60 anos de idade e 35 de contribuição; no caso das mulheres, com 55 anos idade e 30 de contribuição. Há necessidade do preenchimento dos dois requisitos.
- 4 - Termina a aposentadoria proporcional e a pessoa não pode continuar trabalhando depois de aposentada.

Regras de transição, válidas para quem já trabalha

- 1 - Idade mínima: 48 anos para mulheres e 53 anos para homens.
- 2 - Tempo de serviço: para se aposentar, além de preencher o requisito da idade mínima, o servidor mulher terá de cumprir, no total, um tempo maior de contribuição do que os 35/30 e 30/25 anos exigidos. Esse acréscimo, a ser aplicado somente sobre o tempo de contribuição que ainda precisa ser cumprido, foi estipulado em 20% para aposentadoria integral e 40% para a proporcional.
- 3 - Docente: tempo exclusivo de magistério; 35 anos para homens e 30 para mulheres. O tempo trabalhado será acrescido de 17% para homens e 20% para mulheres, para, em seguida, ser deduzido do tempo exigido para aposentadoria.



Orçamento é aprovado

Medidas equilibram arrecadação e despesas

A Fundunesp, a Editora UNESP e os plantões médicos e veterinários sofrerão uma redução de 25% em seu orçamento para 1998, em relação ao ano anterior. Esta foi a principal decisão tomada pelo Conselho Universitário (CO), reunido no último dia 7 de abril, durante a aprovação definitiva do orçamento da Universidade para o corrente ano. São medidas que visam adequar ao montante do ICMS, que o Governo do Estado repassa à UNESP, as despesas da Instituição, como custeio, pessoal e reflexos, investimentos e dívidas e sentenças judiciais. "Sem promover cortes no orçamento, teríamos muita dificuldade em administrar nossas contas", justificou o reitor Antonio Manoel dos Santos Silva.

O orçamento anterior, de R\$ 432.681.223,00, já havia sido discutido em dezembro passado, sendo aprovado sem prejuízo de destaques. Os conselheiros, assim, decidiram estudar melhor as propostas de redução de gastos feitas pelo Conselho de Administração e Desenvolvimento. Um acordo, no final de 1997, entre Estados e Governo Federal, que adiou a desoneração dos chamados produtos de uso e consumo para 1º de janeiro de 2000, fez com que o orçamento da UNESP subisse para R\$ 440.887.673,00. A partir daí, foi possível refazer os estudos que apontavam para cortes mais profundos nas despesas da Universidade.

Com relação ao corte nos plantões, a decisão foi bastante lamentada pelo diretor da Faculdade de Medicina (FM) do campus de Botucatu, Paulo Eduardo de Abreu Machado. "Queríamos que o corte de 25%, que representa um montante muito considerável, não especificasse os plantões, para podermos administrá-lo melhor", afirmou. Ficou claro, durante a reunião do CO, que, com relação às finanças públicas e em particular às da Universidade, é possível que no futuro haja a necessidade de ajustes mais severos, englobando todos os setores da Universidade.



DIVULGAÇÃO

Ciência em letra de fôrma

Ciclo aproxima pesquisadores e jornalistas

A Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) estará promovendo, até agosto, um ciclo de mesas-redondas intitulado *Pesquisa & Imprensa*. O evento, que tem o patrocínio do Banco Real e o apoio da Fundunesp, será levado a todos os câmpus da UNESP e tem como objetivo chamar a atenção dos docentes da Universidade para a importância de divulgarem seus trabalhos de pesquisa junto aos meios de comunicação.

As mesas-redondas têm a participação de representantes da grande imprensa e de pesquisadores com experiência no trato com jornalistas. Embora seja aberto à comunidade, o chamado "público-alvo" das discussões é mesmo o docente. A iniciativa da ACI tem angariado elogios dos diretores das unidades. "É uma idéia bastante interessante, até mes-

mo para que se divulgue mais o nome da Universidade", afirma Welington Dinelli, diretor da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de Araraquara, onde o ciclo de mesas-redondas foi inaugurado, no último dia 23 de abril.

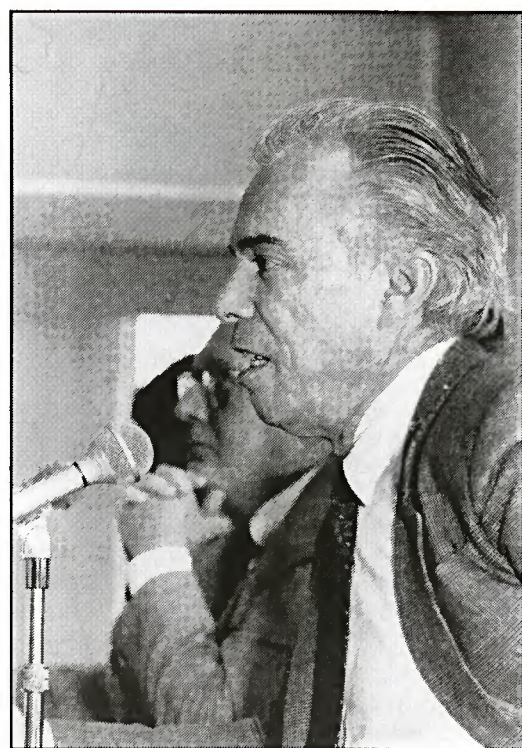
Paralelamente às discussões, a ACI está relançando o livrete *Pesquisa & Imprensa*, de autoria do jornalista Jorge Menna Duarte, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que autorizou a UNESP a reeditar a obra, fazendo as adaptações necessárias para a público unespiano.

Quatro eventos já foram realizados em abril, nos câmpus de Araraquara (para a FO, a FCF e o IQ), São José do Rio Preto, Ilha Solteira e Araçatuba. Veja, na tabela abaixo, a relação das próximas mesas-redondas.

| CÂMPUS | DATA | HORÁRIO | LOCAL |
|-----------------------|------|---------|----------------------|
| Assis | 20/5 | 14h | Salão de Festas |
| Araraquara | 19/8 | 14h | Anfiteatro A |
| Bauru | 13/8 | 14h30 | Guilhermão |
| Botucatu (FM e IB) | 27/5 | 14h | Anfiteatro da FM |
| Botucatu (FCA e FMVZ) | 28/5 | 14h | Anfiteatro da FCA |
| Franca | 2/6 | 14h | Salão Nobre |
| Guaratinguetá | 6/5 | 14h30 | Anfiteatro 2 |
| Jaboticabal | 3/6 | 14h | Centro de Convenções |
| Marília | 12/8 | 14h30 | Anfiteatro 1 |
| Presidente Prudente | 21/5 | 15h | Anfiteatro 1 |
| Rio Claro | 11/5 | 14h30 | Anfiteatro do IB |
| São José dos Campos | 5/5 | 16h | Anfiteatro 1 |
| São Paulo | 13/5 | 13h30 | Capela do IA |

POSSE

Flávio Fava assume Ciência e Tecnologia



Márcio Minillo

O pesquisador Flávio Fava de Moraes assumiu, em abril último, a Secretaria da Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, substituindo a Emerson Kapaz, que deixou a Secretaria para concorrer, em outubro próximo, a uma cadeira no Congresso Nacional como deputado federal.

Ex-reitor da Universidade de São Paulo (1993-1997) e diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), de 1985 a 1993, Fava, em reconhecimento pelo seu trabalho em prol da ciência e da tecnologia nacional, recebeu, também em abril, em Brasília, o título de Grão-Mestre da Ordem Nacional do Mérito

Científico, em cerimônia que contou com a presença de José Israel Vargas, Ministro da Ciência e da Tecnologia. "A insígnia se justifica pelos relevantes serviços prestados pelo docente à comunidade científica", diz Vargas.

Nascido em Lins, interior de São Paulo, Fava de Moraes, 60 anos, graduou-se em odontologia pela USP e chegou a Diretor do Instituto de Ciências Biomédicas daquela universidade, ocupando o cargo entre 1982-86. Durante sua carreira, o atual Secretário participou de eventos científicos em 35 países, atividade que se intensificou nos últimos meses, quando chefiou várias missões brasileiras de política científica e tecnológica.

Quem entra na UNESP

tem vaga garantida no Programa

Universitário do Banco Real.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

- Sem comprovação de renda. • 6 meses de isenção nas principais tarifas. • Realmaster*, 10 dias por mês sem juros.
- Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo*.
- RealCap Universitário. • Seguro Real Vida Universitário.
- Crédito Parcelado* para compra de livros. E muito mais!

* Sujeito a análise e aprovação de crédito.



Banco Real
www.bancoreal.com.br



O ensino vai aonde o povo está

Equipes da UNESP levam educação e saúde ao agreste pernambucano

Pelo segundo ano consecutivo, a UNESP participa, ao lado de outras 119 universidades brasileiras, do Programa Universidade Solidária. A UNESP formou duas equipes de 10 alunos e um coordenador, que realizaram seu trabalho nos municípios de Panelas e Santa Maria do Cambucá, ambos no agreste de Pernambuco, entre os dias 18 de janeiro e 10 de fevereiro. A Universidade também participou do programa Alfabetização Solidária, por meio de um curso de capacitação de alfabetizadores, ministrado pela psicóloga Marisa Eugênia Mellilo Meira Ragonesi, do câmpus de Bauru, em São Miguel do Aleixo, Sergipe (leia quadro).

A equipe que atuou em Panelas, localidade com 20.000 habitantes, 11.000 deles na área rural, foi coordenada pela biblioteconomista Maria Helena Toledo Costa de Barros, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília. No tempo em que estiveram no município, a coordenadora e os alunos da UNESP desenvolveram diversas atividades, muitas das quais com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que foi a anfitriã.

Ao todo, foram ministradas 37 palestras, além de vários cursos, oficinas e gincanas, realizadas na sede do município e em três distritos. "Ensinamos técnicas e demos noções sobre vários temas", explica Maria Helena. "Falamos de artesanato, meio ambiente, nutrição, informação, saúde, veterinária, zootecnia, veterinária e, a pedido dos moradores, ensinamos até capoeira." Isso somou



PALESTRAS
Atividade em Cambucá, com 11.750 habitantes: temas vão da saúde pública às artes



65 atividades individuais, 11 coletivas e oito em conjunto com a UFPE.

O grupo também levou a cabo a idéia, de um vereador local, de fundar uma biblioteca pública. "Avançamos, aliás, além dessa idéia", conta Maria Helena. "Fomos de casa em casa pedindo doações de livros e conseguimos vários outros materiais. Com isso, criamos um espaço cultural, composto de duas bibliotecas, para adultos e crianças, e um museu, com a memória da cidade."

NECESSIDADES LOCAIS

A outra equipe da UNESP, coordenada pelo médico veterinário sanitário Hélio Langoni, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, câmpus de Botucatu, realizou seu trabalho em Santa Maria do Cambucá, a 132 quilômetros de Recife. Cambucá, como é conhecida, tem 11.750 habitantes, sendo 2.056 na cidade e 9.694 na área rural. Como o programa Universidade Solidária é essencialmente educativo, as atividades do grupo basearam-se nas necessidades locais. "Procuramos trabalhar as áreas da saúde, incluindo-se o saneamento básico e a agropecuária, e a da educação, com artes e jornalismo", explica Langoni. "Chegamos até a fazer um jornalzinho, a *Folha de Cambucá*."

Langoni conta que foram realizadas palestras e cursos sobre temas referentes à saúde humana, animal e pública, educação, agricultura, saneamento básico, atividades culturais e de lazer.

Na área da saúde, por exemplo, foram dados cursos e palestras sobre temas como doenças sexualmente transmissíveis, saúde da mulher, planejamento familiar, hanseníase, tuberculose, higiene e saúde, verminoses, vacinação infantil e da gestante, desnutrição e alimentação alternativa. "As duas alunas da Medicina pesaram e mediram grande parte das crianças, para estudo da subnutrição ou desnutrição", revela Langoni.

Tanto em Panelas como em Santa Maria do Cambucá as equipes da UNESP foram muito bem recebidas. "Contamos com o apoio tanto da Prefeitura quanto da população", conta Maria Helena. "São áreas pobres e carentes, por isso qualquer iniciativa de melhorar suas vidas é bem recebida." Maria Helena ressalva, no entanto, que o programa Universidade Solidária não é assistencial. "É um programa educativo, diferente, por exemplo, do Projeto Rondon", assegura.

Langoni também elogia a receptividade: "Tivemos apoio total do prefeito, Mário Lima, que é médico, pessoa esclarecida e interessada no Programa", revela. "Mas nossa atuação só teve pleno êxito graças à participação da comunidade."

Depois que as equipes deixam o local, a pergunta que fica é se o que fizeram lá permanecerá e será levado adiante. Na opinião dos coordenadores, muita coisa ficará e dará frutos. "Trabalhamos com os agentes comunitários de saúde e com professores, bem como com líderes locais, que serão os multiplicadores das informações", acredita Langoni. "Dependendo do interesse da comunidade, o programa continuará. Criamos um Centro Comunitário de Estudos e Desenvolvimento, deixando marcada a presença da UNESP. Trabalhamos com crianças e, com certeza, elas ensinarão outras pessoas."

Os resultados desses dois programas foram apresentados, junto com todos os outros, num evento realizado entre os dias 15 e 19 de abril, na sede do SESC da Vila Mariana, em São Paulo, com a presença da presidenta do Programa Comunidade Solidária, Ruth Cardoso.

Evânildo da Silveira

Beabá no sertão

Programa educa e desenvolve cidadania

Além do Universidade Solidária, a UNESP também participou do Programa Alfabetização Solidária. Nas duas primeiras semanas de fevereiro, a psicóloga Marisa Eugênia Mellilo Ragonesi, da Faculdade de Ciências, câmpus de Bauru, ministrou um curso de capacitação para 13 pessoas do município de São Miguel do Aleixo, em Sergipe (10 professores, dois suplentes e uma coordenadora). "O objetivo do curso foi o de preparar essas pessoas para que assumam a função de educadores de jovens e adultos analfabetos", explica Marisa. "As classes, 10 no total, começaram a funcionar na primeira semana de março." Na última semana do mesmo mês, Marisa voltou ao município para desenvolver atividade de supervisão e acompanhamento pedagógico.

O município de São Miguel do Aleixo localiza-se no sertão de Sergipe, em uma região bastante afetada pela seca. Os 3.000 habitantes sobrevi-



Marisa Eugênia: consciência de cidadania

vem basicamente da agricultura e da criação de gado. É um município bastante carente, com índice de analfabetismo superior a 60% da população. Segundo Marisa, a comunidade é bastante unida e receptiva a novos projetos e oportunidades.

As principais carências são a falta de emprego, períodos de seca prolongados, falta de uma estrutura básica de serviços de saúde (não há hospital, apenas um posto de saúde), falta de professores qualificados (só há escola de primeiro grau) e boa parte da zona rural não conta com energia elétrica nem água encanada.

Marisa está convicta de que seu trabalho renderá frutos. "A melhoria dos níveis de escolaridade e

educação pode provocar mudanças importantes na vida do município, especialmente no que se refere à construção de uma consciência de cidadania e participação", pondera. (E.S.)

AVIAÇÃO

Maior rigor nos céus

Ciclo debate segurança aérea e questiona Código Brasileiro de Aeronáutica

PESQUISAS
Alice Itani: menos acidentes com mais vítimas

O novo Código Nacional de Trânsito, em vigor desde janeiro último, promete disciplinar os motoristas com leis claras e de aplicação imediata. Sua concepção está servindo de inspiração para a criação de normas que tornem também o transporte aéreo mais seguro, aumentando a responsabilidade das companhias privadas e órgãos oficiais de aviação na prevenção dos acidentes. Para dar suporte às discussões que darão origem a um novo conjunto de leis, a UNESP, por intermédio da cientista social Alice Itani, do Departamento de Educação do Instituto de Biociências (IB) do campus da UNESP de Rio Claro, está sediando um ciclo de debates sobre o tema "Construindo a segurança aérea para garantir a vida". "Pretendemos encaminhar propostas para a reelaboração do Código Brasileiro de Aeronáutica, fazendo o nosso lobby contra os já existentes, comandados por empresários e oficiais", explica Alice.

Os encontros estão acontecendo no auditório do Conselho Universitário, na Reitoria. Dois já foram realizados, em fevereiro e mar-

ço últimos. Durante as discussões, representantes de sindicatos e associações de usuários, além de membros da sociedade civil especializados no assunto, têm enfatizado que as leis atuais, datadas da década passada, estão ultrapassadas ou atendem a interesses de empresários do setor. Segundo eles, a conivência do Ministério da Aeronáutica e a complacência dos meios de comunicação têm permitido às companhias aéreas investir fortunas em publicidade em detrimento da melhor qualificação e condições de trabalho de pilotos, comissários e equipes de manutenção.

"Além de perder gradativamente para o computador o controle sobre o aparelho, estamos sendo obrigados a cumprir extensas jornadas de trabalho e a decolar em nome da pontualidade, deixando para segundo plano as condições do avião", alerta Luiz Fernando Collares, presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas, com sede no Rio de Janeiro.

ESTATÍSTICAS

A automação acelerada da aviação civil, com o aumento da velocidade e da quantidade



Hélio Toth

de passageiros por voo, tem potencializado os riscos inerentes a este meio de transporte. Estatísticas internacionais mostram que, nos últimos 15 anos, a quantidade de acidentes baixou de 54 para nove ocorrências em uma frota de mil aviões. "Por outro lado, as mesmas pesquisas indicam que os acidentes se tornaram sete vezes mais fatais que em 1982, atingindo um número maior de pessoas", explica Alice Itani. "Ou seja, menos acidentes com mais vítimas."

Os números também contrariam a informação segundo a qual a maioria dos acidentes acontece por falha dos pilotos. Estudos feitos pelo respeitadíssimo Instituto Francês de Segurança Aérea mostram que, nos últimos dez anos, os acidentes têm acontecido sobretudo devido a erros de concepção e fabricação dos sistemas e equipamentos, por falhas de manutenção e, principalmente, por falta de programas de prevenção. "Isso aumenta, nos acidentes, a participação de fabricantes, companhias aéreas e instituições responsáveis pelo controle da segurança", afirma a professora da UNESP. Alice coordena há dez anos um projeto de

pesquisa intitulado "Impacto das Tecnologias nos Transportes", financiado pelo CNPq e pela Fapesp. Deste projeto fazem parte pesquisadores de várias instituições. Para a realização do fórum, ela conta com a parceria da Associação Brasileira dos Pais e Víctimas de Acidentes Aéreos (ABRAPAVAA), criada sete meses após o acidente com o Fokker-100 da TAM, que matou 99 pessoas em novembro de 1996, em São Paulo. "Se tivéssemos um código mais atualizado, já poderíamos processar a TAM por negligência, mas, em vez disso, estamos esperando a liberação de um relatório de investigações que até agora o Ministério da Aeronáutica, mesmo interpelado judicialmente, se recusa a nos fornecer para podermos encaminhar o processo", critica uma das integrantes da entidade, Maria Rita Araújo, mestrande em Saúde Pública na USP e funcionária do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, de São Paulo. "A associação só existe por causa do acidente que vitimou nossos parentes e devemos lutar para que o número de sócios não aumente."

Waltair Martão

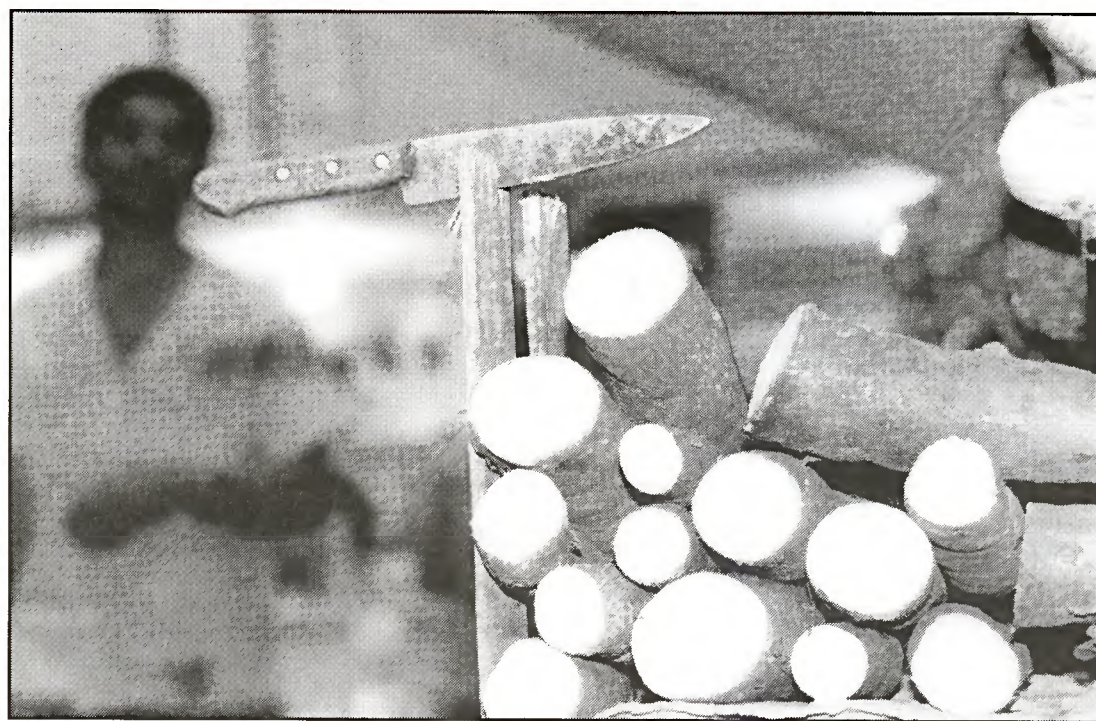
AGRONOMIA

Mil e uma utilidades

Centro de Raízes Tropicais descobre mais uma utilização para a mandioca: xarope

O xarope de glicose é um ingrediente usado por indústrias alimentícias e farmacêuticas para a fabricação de balas, pães, molhos, sorvetes, biscoitos, sucos de frutas, chocolates e diversos tipos de remédios. Pesquisas chefiadas pelo agrônomo Cláudio Cabello, do Centro de Raízes Tropicais (Cerat), unidade complementar do campus da UNESP de Botucatu, estão apontando para a fécula de mandioca como uma alternativa para o amido de milho, matéria-prima usada para a produção do xarope de glicose, e que tem tecnologia de produção estrangeira. A intenção é baratear os custos da industrialização e garantir preços mais baixos para o consumidor.

Ao contrário do Brasil, os países que detêm a tecnologia para a fabricação do xarope não têm, além do milho, outras fontes de amido. Assim, o professor Cabello, que também é chefe do Departamento de Química da Faculdade de Ciências (FC) do campus da UNESP de Bauru, desen-



Hélio Toth

ALTERNATIVA
Xarope de glicose com fécula de mandioca: custos reduzidos

volveu uma tecnologia totalmente nacional para a produção do xarope de glicose, a partir da fécula de mandioca, que tem no Brasil seu maior produtor mundial. Já existe inclusive uma fábrica, a Indemil, na cidade de Paranavaí (PR), produzindo o xarope de mandioca, com suporte tecnológico do Cerat.

PROCESSO QUÍMICO

De acordo com o pesquisador, o xarope, também chamado de hidrolisado de mandioca, é obtido após a fécula de mandioca passar por um processo químico, que cria grupos de moléculas formados por unidades de glicose. Estes grupos

são submetidos a uma reação enzimática, que resulta no xarope. "O método confere, entre outras vantagens, maior padronização ao xarope produzido", afirma Cabello.

Embora com características diferentes, o milho e a mandioca têm propriedades químicas semelhantes, tornando os xaropes bem parecidos. "O xarope de amido de milho pode ser encontrado no comércio, caso do produto de marca Karo, e se diferencia do similar de mandioca por ser um pouco mais escuro", explica o agrônomo. Na sua opinião, as pequenas e médias agroindústrias de extração de fécula de mandioca podem se beneficiar desta tecnologia. A pro-

dução do xarope de mandioca requer menos energia, sem contar que a matéria-prima é mais barata que o milho.

As vantagens econômicas da utilização de tecnologia nacional na fabricação de xarope de mandioca podem ser melhor avaliadas comparando-se os custos de produção. Para as grandes indústrias, uma tonelada de hidrolisado de milho custa em média R\$ 500,00. Cabello estima que, com a utilização da mandioca, o custo seja reduzido para R\$ 330,00. "Esperamos que as indústrias se convençam de todas estas vantagens e passem a investir nesta nova tecnologia em benefício principalmente dos consumidores."



Carlos Drummond de Andrade, Michelangelo e Verdi são alguns exemplos de idosos que ultrapassaram os 70 anos com vitalidade, criativos e geniais. Mas não é isso o que ocorre ao nosso redor, nem mesmo após os marcantes avanços científicos dos últimos anos. A situação se agrava quando percebemos que o Brasil não é mais um País de jovens, pois, com o aumento da expectativa de vida da população brasileira e a redução da taxa de fecundidade, o número de idosos tem crescido vertiginosamente (*veja quadro*). “É necessário oferecer orientações gerais para envelhecer com saúde”, diz o médico sanitário Rodolpho Telarolli Jr., coordenador, no ano passado, do Projeto Senior, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da UNESP, câmpus de Araraquara, que realiza, desde 1995, anualmente, palestras e minicursos de interesse dos idosos.

O trabalho realizado em Araraquara, que envolveu cem idosos em 1997, é apenas uma das várias iniciativas que a UNESP oferece para que estas pessoas tenham uma vida digna, com acesso à educação. Em Marília, por exemplo, a Universidade Aberta à Terceira Idade, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), iniciou suas atividades em 1995 e atende, neste semestre, 163 pessoas com idade mínima de 55 anos. “Organizamos palestras e cursos de fisioterapia, teatro, italiano, espanhol e canto coral”, conta a coordenadora Maria Cândida Soares Del Masso.

Os idosos de Franca podem participar das disciplinas regulares da graduação, dos cursos de extensão de gerontologia social, italiano e educação ambiental e das oficinas de atividades físicas e biodança. Isso é possível desde o ano passado, quando uma parceria entre a Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) e a prefeitura local viabilizou a Universidade da Terceira Idade na cidade. “Mantemos intensa programação voltada para a cultura e o lazer para cerca de cem pessoas com mais de 45 anos”, diz a coordenadora Victalina Maria Pereira Di Gianni.

Em Assis, o Programa UNESP Aberta à Terceira Idade, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), entra em seu quinto ano de funcionamento, com cursos, oficinas e palestras. “A faculdade não deve ser apenas um local para aprender, mas também deve propiciar entretenimento e novas amizades”, insiste a coordenadora Edna Julia Scombatti Martins. As atividades, que reúnem cerca de 150 idosos, incluem artesanato, alfabetização para adultos, ginástica, teatro e oficina de psicologia, além de espanhol e italiano.

IOGA E TAI-CHI

O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), de São José do Rio Preto, também se preocupa com os idosos e realizou, em março último, o VII Encontro da Terceira Idade. Na ocasião, foram definidos os cursos, terapias alternativas e oficinas pedagógicas deste primeiro semestre. “Enfocamos desde palestras sobre origem e funcionamento da vida até homeopatia, holismo e florais”, conta o coordenador Eli Nazareth Bechara, responsável pelas atividades, que envolvem cerca de 150 idosos. São ainda oferecidos cursos de francês, italiano, espanhol e inglês, além de ioga e tai-chi.

A Faculdade de Engenharia (FE) de Guaratinguetá também desenvolve o projeto Faculdade Aberta à Terceira Idade. Cerca de 270 idosos participam de seminários e cursos sobre saúde, história, política, astronomia e artes. “Há também oficinas sobre modelagem de barro, jogos teatrais, e oficina de memória, além de cursos de canto coral, inglês, jardinagem, ginástica, vôlei e iniciação à informática”, destaca a coordenadora Maria Helena Carrijo de Faria Lacaz.

Informática para a terceira idade também é uma realidade em Botucatu. O Instituto de Biociências (IB) está oferecendo, pelo segundo ano consecutivo, um curso de computação, com duração de um mês, para pessoas com mais de 50 anos. “São pessoas que têm aqui seu primeiro contato com o computador”, diz a professora do Departamento de Bioestatística, Lídia Raquel de Carvalho, responsável pelo curso. Um dos alunos, Dorival Lázaro Vicentini, 51, hoje trabalha como secretário no IB. “No início tive dificuldades, porque nunca tinha visto um computador, mas, como minha vontade de aprender era muita, obtive sucesso”, diz.

A prática esportiva não é esquecida. Em Rio



Paulo Zilberman

A vida começa aos 50

Universidade desenvolve, em oito câmpus, dezenas de atividades envolvendo centenas de pessoas da terceira idade



Fotos Arquivo

TERCEIRA IDADE
Marília: 163 pessoas, neste primeiro semestre



EXCURSÃO
Visita ao Masp: o impressionismo de Monet

Claro, desde 1991, o educador físico Sebastião Gobbi, do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências (IB), é o responsável pelo projeto de extensão universitária Atividade Física para a Terceira Idade. Hoje, cem idosos com mais de 55 anos são atendidos três vezes por semana. “Nosso objetivo é que eles mantenham a autonomia, habilitando-se a realizar atividades cotidianas, como subir no ônibus ou fazer uma compra, sozinhos”, explica o docente.

A imagem de pessoas idosas enrugadas, baixinhas e vulneráveis às doenças, portanto, pode ser mudada. Um caminho é justamente a educação permanente, o que significa aprender e se reciclar durante a vida toda. “Muitos pensam que o nosso trabalho visa só o lado assistencial, mas temos uma grande preocupação com a formação acadêmica”, esclarece Maria Cândida, coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade de Marília. “Temos, por exemplo,

um idoso no segundo ano do curso de História e outro, no de Serviço Social”, concorda Victalina, a coordenadora de Franca. “As atividades aqui desenvolvidas são melhores que qualquer tratamento médico”, reconhece, entusiasmada, a aposentada Marlene Cunha Bortolini, 61 anos, participante das atividades da FFC, num depoimento que justifica o esforço dos coordenadores da UNESP nos diversos câmpus.

Oscar D'Ambrosio

O idoso no Brasil

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira era de 157.079.573, em 1996, com um crescimento anual de 1,38%, entre 1991 e 1996, contra o 1,93% observado na década anterior. Além disso, o número de filhos por mulher, a taxa de fecundidade, está em queda constante, o que leva a uma diminuição do número de crianças e a um crescimento da população de adultos e

idosos. Estes últimos, com pelo menos 65 anos, representavam, em 1996, 5,37% da população, enquanto eram 4,83%, em 1991 (*veja gráfico*). “É hora de esses idosos resgatarem a liberdade de fazer o que gostam, buscando sonhos e ideais adiados pelo trabalho ou pelos filhos”, diz o educador Lafayette Salimon, da FFC, ligado à Universidade da Terceira Idade de Marília.

(O.D.)

Distribuição da População por Faixas Etárias

| idade \ ano | 1980 | 1991 | 1996 |
|-----------------|--------|--------|--------|
| mais de 65 anos | 4,01% | 4,83% | 5,37% |
| 15-64 anos | 57,74% | 60,45% | 63,01% |
| 0-14 anos | 38,24% | 34,73% | 31,62% |

Fonte: Contagem da População 1996 - IBGE

Mórbida semelhança

Cidades do Interior copiam padrões arquitetônicos da Capital como forma de se sentirem próximas aos centros de poder

EVANILDO DA SILVEIRA



Foto: Hélio Tóth

SINCRONIA
Paisagem corrompida: em Piracicaba, a convivência forçada entre o velho e o novo

Um episódio do antigo seriado da Rede Globo *Comédia da Vida Privada* inspirou a arquiteta Paula da Cruz Landim e Goya a estudar a arquitetura de algumas cidades do interior e compará-las entre si e com a Capital. O resultado será usado em sua tese de doutorado *Desenho de paisagem urbana: os modelos centrais e as cidades do interior paulista*. No episódio em questão, o personagem, interpretado pelo ator Marco Nanini, foi visitar sua cidade natal, no Interior de São Paulo. "Ele se confunde todo", explica Paula. "Tem certeza de estar na cidade dele e falando com uma tia. Só que a cidade é outra e a mulher não é sua tia. Isso mostra que as cidades são bastante parecidas, não têm identidade própria."

A intenção de Paula Landim e Goya, docente do Departamento de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), câmpus de Bauru, é reconhecer a paisagem de seis cidades do Interior paulista — Bauru, Jaú, Limeira, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos —, analisando, principalmente, a influência socioeconômica e cultural que esses municípios receberam da Capital. A arquiteta define a paisagem como um conceito, composta não apenas pelos elementos físicos, como a arquitetura, o arruamento e os espaços livres, mas principalmente pelas relações de uso que as pessoas estabelecem com esse espaço. "É mais importante que elas vivem, como se organizam dentro desse espaço, do que apenas seus aspectos físicos", considera.

Para a arquiteta, a construção de cidades é uma das maiores criações humanas, e suas formas têm sido indicadoras do estágio em que se encontra aquela determinada civilização, já que seus desenhos são determinados pelas decisões tomadas pelas pessoas que nela vivem. "A cidade é resultante da ação de uma sociedade sobre um meio físico", explica Paula. "Ao produzir e utilizar o espaço urbano, este se configura numa espécie de retrato, um espelho no qual esta sociedade se reflete. Ou seja, sua história, sua cultura, seu meio de produção, seu estágio técni-

co e tecnológico, a divisão de classes, a luta pelo poder, entre outros fatores, estão espelhados nesta configuração espacial."

A pesquisadora escolheu as seis cidades objetos de seu estudo porque elas têm, em comum, o fato de serem de porte médio, com uma população que varia em torno de 100 a 300 mil habitantes, e esta-

rem em franco desenvolvimento. Ela pretende verificar como e por que essas cidades, que nasceram de maneiras diferentes e possuem histórias diferentes, apresentam paisagens tão semelhantes.

Embora o trabalho ainda não esteja concluído, Paula já encontrou algumas razões para tanta identidade. "Os planos diretores são muito semelhantes entre si,

são quase uma cópia um do outro", diz. "Na maioria das cidades, a praça principal é chamada de Praça da Matriz. Além disso, todas têm uma rua 7 de Setembro, uma XV de Novembro e seus bairros residenciais e os da periferia são parecidos em todas elas. Quem não vive lá vai ter dificuldades de se orientar, vai se perder."

FORMA DE DOMINAÇÃO

Essas semelhanças vêm de longe. A padronização arquitetônica vem da época do Brasil Colônia, por meio das Cartas Régias ou das posturas municipais. "A intenção era garantir uma semelhança com as cidades portuguesas, como forma de reforçar a dominação", explica Paula. Esta situação de dependência econômica e cultural das metrópoles europeias perdurou no Brasil durante os séculos XVIII e XIX. No século XX, embora as coisas continuassem parecidas, ocorreu um deslocamento da dominação econômica e cultural da Europa para os Estados Unidos.

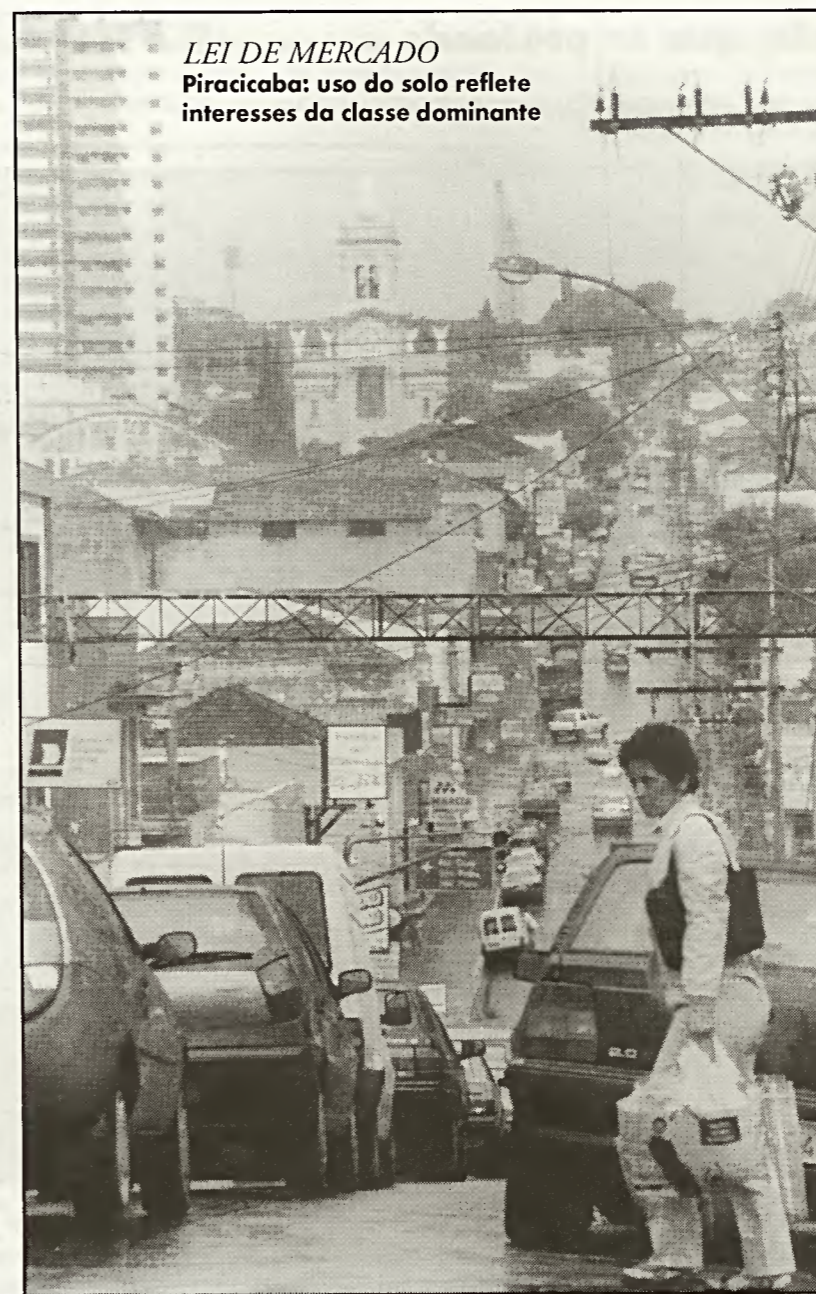
Foi neste quadro que as cidades brasileiras se desenvolveram. A industrialização e a crescente oferta de materiais e técnicas, que ocorreram a partir da Revo-

lução Industrial, em fins do século XVIII, possibilitaram a reprodução mais fiel dos modelos metropolitanos. "Assim, na cidade tradicional brasileira, com algumas exceções, desde as construções coloniais, o casario alinha-se na via pública, com o comércio no piso térreo, mansões ajardinadas nos bairros ricos, até os edifícios atuais, onde as lojas no térreo e os apartamentos nos outros andares repetem os mesmos padrões coloniais", completa Paula.

A maioria das cidades do Interior paulista, entre as quais as estudadas por Paula, nasceram na segunda metade do século XIX, resultado da chegada das ferrovias. Posteriormente, surgiram as cidades feitas para a escala do automóvel, que estabelece uma outra relação de apreensão do espaço, bastante diferente das cidades mais antigas, pré-industriais, organizadas para a escala do pedestre. Por isso, devido à sua pouca idade, diferentemente da Capital, onde ainda podemos encontrar vestígios de um centro histórico, embora conturbado, resultante da não adaptação dos usos atuais àquele espaço antigo, nessas cidades a monotonia é reforçada pela falta desses elementos.

A arquiteta explica que as cidades do Interior encontraram uma área plana para sua expansão, onde geralmente apenas a ferrovia funcionava como obstáculo para o crescimento da mancha urbana. Elas tendem, então, a crescer ao longo da barreira, seja ela qual for, sendo que os bairros populares localizam-se além do obstáculo e os da classe mais abastada, do mesmo lado do centro.

As camadas populares passam a ocupar os resíduos do espaço urbano, e, tendo como mercado de trabalho a indústria, o setor terciário ou o subemprego, passam a habitar perto dos locais de trabalho. Ao centro das cidades fica destinado o comércio varejista e as instituições financeiras, além de hotéis, restaurantes, escritórios e cinemas, entre outros. Com o crescimento da urbanização, passam a existir os "centros de bairros", com funções semelhantes ao centro propriamente dito, sendo que as especificidades, principalmente de serviços, vão variar de acordo com a classe social que ocupa a área.



LEI DE MERCADO
Piracicaba: uso do solo reflete interesses da classe dominante

PADRÃO REGULAR

De acordo com a arquiteta, esta organização básica está calcada principalmente na legislação municipal de loteamento e uso do solo, que vai refletir o interesse da classe dominante, sendo que a configuração final será fornecida pelo mercado imobiliário, que vai determinar os elementos formais da paisagem urbana.

Hoje, as cidades cabem quase todas numa descrição modelo. Há uma regularidade de padrão em todas elas. Tanto faz se Matão, Bauru, Rio Claro ou Mococa acomodam ruas em forma de tabuleiro de xadrez e a indefectível praça central. "Há ainda a massa verticalizada dos prédios, que nos dá uma orientação da localização da área cen-

tral", acrescenta Paula. "Existem também os shopping centers, geralmente fora do centro, próximos às principais vias de acesso à cidade, o terminal de carga, o distrito industrial, o anel viário, o terminal rodoviário — que atualmente ocupa o lugar da estação de trem —, grandes cadeias de supermercados e lanchonetes e, eventualmente, o aeroporto, a cidade universitária, um centro administrativo fora do centro histórico e uma região ou avenida com uma maior concentração de atrações noturnas."

Para a arquiteta, esta homogeneização da paisagem urbana tem muito a ver com o processo de globalização e de dominação sociocultural. Ela cita como exemplo clássico os edifícios das redes de lojas e de instituições financeiras que, ao invés de serem construídos respeitando as características locais, são levantados obedecendo a um padrão já instaurado nos grandes centros. "Repetem-se formas ou padrões de urbanização e de arquitetura usados na Capital numa tentativa de proximidade com o poder. Quer dizer, mimetiza-se a arquitetura na ilusão de que o poder e o status também se repetirão." A pesquisadora conclui: "Dessa forma, a cidade começa a valer não mais pelo que ela é, mas pelo que ela tem: MacDonald's, shopping centers e outros códigos globais que representam a prosperidade e o poder." Em outras palavras, o epíteto "caipira" é bem menos aceito do que se pensa.

Em lugar dele, pulula no Interior, deste e de outros Estados, uma frondosa árvore de toponímias. A maior parte das cidades, mesmo as menores, são "capitais" de alguma coisa — da Cultura, do Café, da Laranja —, procurando denotar tanto a pujança da cidade quanto o caráter de força renovadora e de sincronia com os principais centros. "Apesar de, num primeiro momento, as edificações que copiam os padrões dos grandes centros corromperem a paisagem anterior, elas funcionam também como marcos referenciais urbanos", pondera Paula. "Por isso, é frequente, no Interior paulista, não se declinar o endereço, mas o nome do edifício em que se mora."



MAPA
Centro de Piracicaba, como tantos outros: dificuldade de orientação



IDENTIDADE
Paisagem semelhante: a cena é de Limeira, mas poderia ser de Jaú, Bauru ou Rio Claro

Corrida para o Interior

Assim como ocorreu no século XVII, com as Entradas e Bandeiras, o Interior de São Paulo está sendo invadido mais uma vez. Os novos bandeirantes não são, entretanto, caçadores de índios ou aventureiros em busca de minas de ouro e pedras preciosas. São cidadãos comuns, cansados da correria da metrópole, do estresse, da violência, do trânsito engarrafado, que procuram sossego, bons empregos e o que se pode chamar de "melhor qualidade de vida".

Os números não deixam dúvida quanto a essas novas entradas e bandeiras. Enquanto a Capital cresce à taxa de 0,40%, o crescimento das cidades do Interior beira os 2% anuais. Veja-se o exemplo dos seis municípios estudados pela arquiteta Paula da Cruz Landim e Goya. Piracicaba, a que menos cresce, aumenta sua população à razão de 1,71%. Em seguida, pela ordem, vem

Jaú, com crescimento de 1,97%; Limeira, 2,12%; São Carlos, 2,13%; Rio Claro, 2,14%; e a campeã, Bauru, 2,34%. Todas elas estão também acima da média do Es-

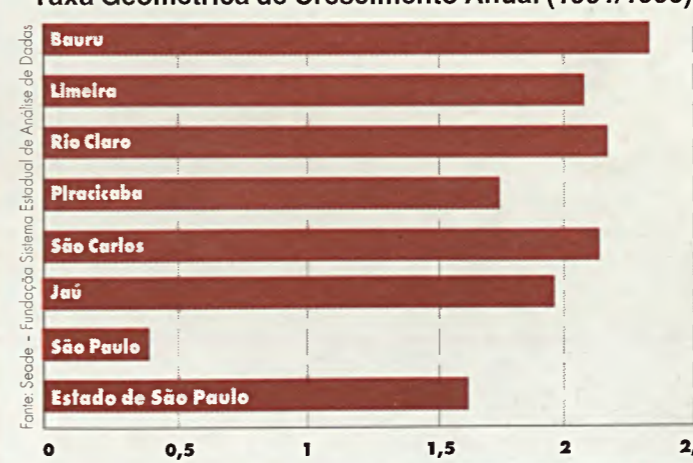
tado, que é de 1,58%.

As razões para as pessoas buscarem essas cidades são várias, mas ninguém está correndo para o "mato", atrás de uma pacata

vida numa cidadezinha desligada do mundo. Ao contrário, elas estão indo porque as cidades do Interior mais e mais oferecem o que as metrópoles têm de melhor, como bons empregos e boas universidades, por exemplo, sem a maior parte do que elas têm de pior.

O que se espera é que essas cidades não importem os problemas das capitais. Em Ribeirão Preto, para ficar em um único exemplo, entre 1991 e 1994, o número de homicídios cresceu cerca de 20%. Para a arquiteta Paula, é importante que essas localidades identifiquem os elementos característicos e marcantes em cada uma delas e, por meio de projetos urbanos, reforcem esses elementos. "Só assim vamos ver paisagens urbanas particularizadas, que respeitem os referenciais e as especificidades locais", diz Paula. "Isso contribuirá para uma melhor qualidade ambiental nessas cidades."

Taxa Geométrica de Crescimento Anual (1991/1996)



OS 70 ANOS DE UM HERÓI SEM CARÁTER

Preguiçoso, antiético, sensual e divertido. Esse o perfil possível de Macunaíma, personagem de Mário de Andrade, que se pretende um espelho fiel do povo brasileiro

OSCAR D'AMBROSIO

Foram necessários apenas seis dias de férias, passados numa chácara em Araraquara, em dezembro de 1926, para que o escritor paulistano Mário de Andrade, “por brincadeira ... entre rede, cigarros e cigarras”, escrevesse *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* (assim mesmo, sem vírgula separando o apostrofo), um dos livros mais importantes do modernismo brasileiro. Nos dois anos seguintes, a obra seria reescrita três vezes, até ser publicada em 1928, deixando público e crítica perplexos. Oswald de Andrade e Alcântara Machado mostraram-se entusiasmados. Tristão de Atáide considerou a obra um “coquetel”, misto de romance, poema e epopéia; Augusto Mayer a definiu, elogiosamente, como “livro que não cabe em nenhuma classificação”. Com maior distanciamento, há duas décadas, Gilda de Mello e Sousa definiu o livro como “uma meditação extremamente complexa sobre o Brasil, efetuada através de um discurso selvagem, rico de metáforas, símbolos e alegorias”. Sete décadas após a publicação de *Macunaíma*, uma questão permanece: até que ponto, e em que medida, o personagem de Mário de Andrade realmente caracteriza o povo brasileiro?

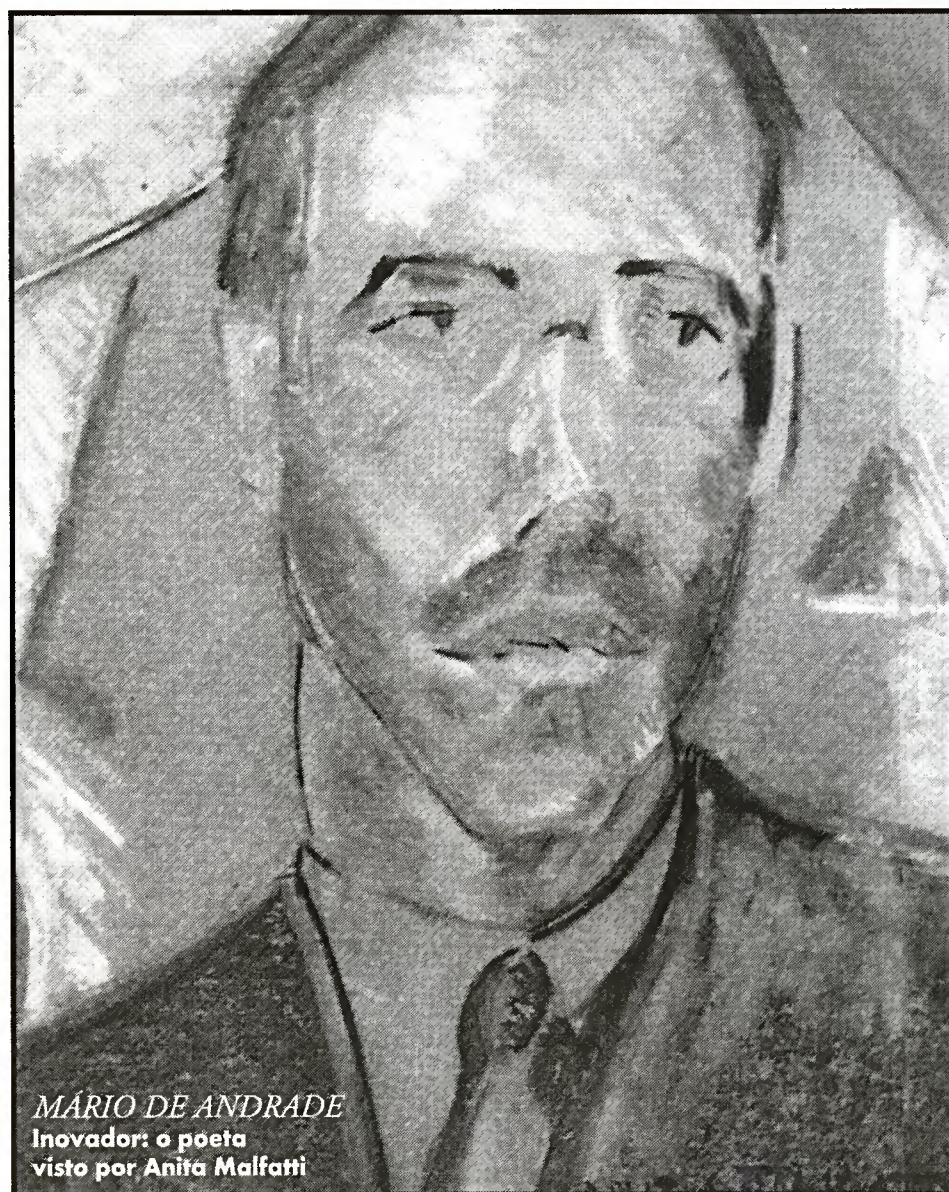
Laura Beatriz Fonseca de Almeida, professora do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, lembra que a obra foi gestada no interior. “Durante aqueles dias de férias, Mário perseguiu um projeto que há um tempo já iniciara como leitor atento da cultura brasileira, entregando-se a um fluxo ininterrupto de escrita, buscando apreender a complexidade da nossa cultura”, conta. “Sob a luminosidade e o silêncio, o escritor amadureceu intenções, repassou leituras, conferiu resultados de pesquisas e se arriscou a pôr no papel uma resposta à procura da identidade nacional do nosso povo”, diz Laura.

TRAÇOS DESPREZÍVEIS

Logo após terminar a primeira versão do livro, Mário de Andrade explicou que, em sua obra, caráter devia ser entendido como “uma realidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, no sentimento, tanto no bem como no mal”. Em síntese, o brasileiro não teria caráter por não ter uma civilização própria nem consciência tradicional. “Ainda que apontemos os aspectos negativos de nosso lado Macunaíma, compraz-nos a identificação com a personagem, numa espécie de vingança malandra de nossa condição subdesenvolvida”, diz Benedito Antunes, professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis.

Antunes acredita que Macunaíma tenha traços desprezíveis, como “o individualismo, a preguiça e a falta de ética”; mas, por outro lado, é “bom, divertido, sensual e esperto, qualidade que fica no limite da ética devido ao oportunismo implícito”. “Essas características fazem dele uma figura descomprometida com o colonizador, abrindo perspectivas de uma civilização menos rígida quanto à moral e aos costumes.”

A socióloga Maria Orlanda Pinassi, do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da



MÁRIO DE ANDRADE
Inovador: o poeta
visto por Anita Malfatti

Mário de Andrade (1927), de Anita Malfatti

UNESP, câmpus de Marília, faz uma avaliação semelhante. “Macunaíma traduz justamente as contradições de um momento em que passado e futuro, rural e urbano, tradicionalismo agrícola e industrialização travam um embate sem solução”, diz. “A multiplicidade cultural, a miscigenação e a imaturidade são apontadas, na proposta estética de Mário, como aspectos que distinguem o brasileiro de outros povos”, conclui Antunes.

É importante lembrar que, escrito logo após a Semana de Arte Moderna de 1922, *Macunaíma* apresenta uma narrativa de estrutura inovadora do ponto de vista do enredo, da caracterização dos personagens e do estilo. “Sua construção narrativa ainda desafia os códigos estéticos e instiga a leitura”, avalia Maria Heloísa Martins Dias, professora do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto.

AMBÍGUO E POLIVALENTE

O caráter de Macunaíma seria tão maleável e polifônico quanto a própria escrita do livro, mescla de poema, romance e narrativa épica. “Como, aliás, é o ser brasileiro em seu percurso histórico”, avalia Maria Heloísa. “O livro confirma a universalidade satírica almejada pelo autor. Prova disso é que continua a vivificar o incômodo das insolúveis particularidades periféricas e dependentes do Brasil no concerto das nações globalizadas”, arremata Maria Orlanda, da FFC.

Além da apregoada ausência de caráter, a célebre frase de Macunaíma “Ai, que preguiça!...”, geralmente associada ao calor e à indolência, costuma ser muito usada para



caracterizar o temperamento do brasileiro. "O calor, de fato, não favorece o trabalho, e é justamente por isso que o brasileiro é um herói. Consegue bom desempenho mesmo com modelos de roupa e comportamento que vêm do Exterior", avalia a psicóloga Renata Machado, professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP, câmpus de Bauru.

Com ou sem caráter, preguiçoso ou não, quem, afinal, é Macunaíma? Mário de Andrade retirou o personagem do livro *Vom Roraima zum Orinoco*, do etnógrafo alemão Theodor Koch-Gramberg, que, entre 1911 e 1913, andou coletando lendas e heróis de mitos indígenas do Brasil. "O herói civilizador, sagaz, malicioso, que o escritor descobre entre os índios é a semente para a concepção literária de nosso povo que Mário há muito espera construir", reflete Laura. Para

nes Filho, em 1977, com seu grupo Pau-Brasil. "As duas adaptações são contribuições significativas para consolidar o herói – ou melhor, anti-herói – no imaginário nacional", avalia João Luís Ceccantini, professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. "O personagem ganha então autonomia, como símbolo da brasilidade e do caráter nacional."

A antropóloga Silvia Maria Schmuziger de Carvalho, da FCL, câmpus de Araraquara, prefere analisar Macunaíma sob uma ótica mais abrangente, considerando-o um *trickster*, ou seja, uma entidade mítica que reequilibra as relações Homem-Natureza. "Na mitologia americana, a figura do *trickster* tem um papel fundamental, associado à mitologia da caça", diz, citando a relação do personagem com as forças da natureza.

Esse aspecto mítico se acentua no percurso do personagem. Macunaíma começa o livro morando às margens do rio Uraricoera, com os dois irmãos e a mãe. Quando esta morre, os três partem em busca de aventuras e acabam em São Paulo, onde procuram um amuleto perdido, o muiraquitã, pedra verde em forma de sáurio. "Nessa trajetória cíclica do herói, na conquista e na perda do muiraquitã, a terra é palmilhada pelo exercício da experiência do ser primitivo à procura de realizar a identidade brasileira", diz Laura. "Para Mário de Andrade, a revelação da mentalidade nacional, com elementos negativos e positivos, era o aprendizado formador e definidor de nossa cultura."

MITO CONTINENTAL

Professora do Departamento de Letras Modernas da FCL, câmpus de Assis, Heloísa Costa Milton amplia a discussão. "Macunaíma não é apenas um herói brasileiro, mas de toda a América, já que suas origens são de um mito continental", diz a docente, que, com essa preocupação, já analisou detidamente a tradução que o poeta mexicano Héctor Olea realizou de *Macunaíma* para o espanhol (veja quadro).

Ao final do livro, Macunaíma, "capenga de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva", se transforma em estrela solitária. Para Laura, da FCL, isso não faz de Macunaíma um vencedor. "Mário, de fato, escreve com pessimismo a impossibilidade de afirmação de uma identidade nacional quando sociedade e cultura vivem em permanente estado de transição". E acrescenta: "No campo vasto do céu, o herói sem nenhum caráter perpetua-se como luminosidade, como sintoma da dificuldade de nossa definição".

Segundo Ceccantini, a maior prova da persistência da simbologia de Macunaíma é que ele ainda é evocado quando se quer referir ao caráter imaturo do brasileiro. "Seria necessário um Brasil radicalmente diferente daquilo que fomos e temos sido para que a obra tivesse sua importância e receptividade diminuídas", julga. "Como luz estelar da Ursa Maior, há 70 anos, o herói de nossa gente permanece iluminando a nossa história. Assim, sem oferecer uma solução, o livro medita sobre a complexidade de uma Terra chamada Brasil", conclui a professora Laura.



Reprodução

NAS TELAS

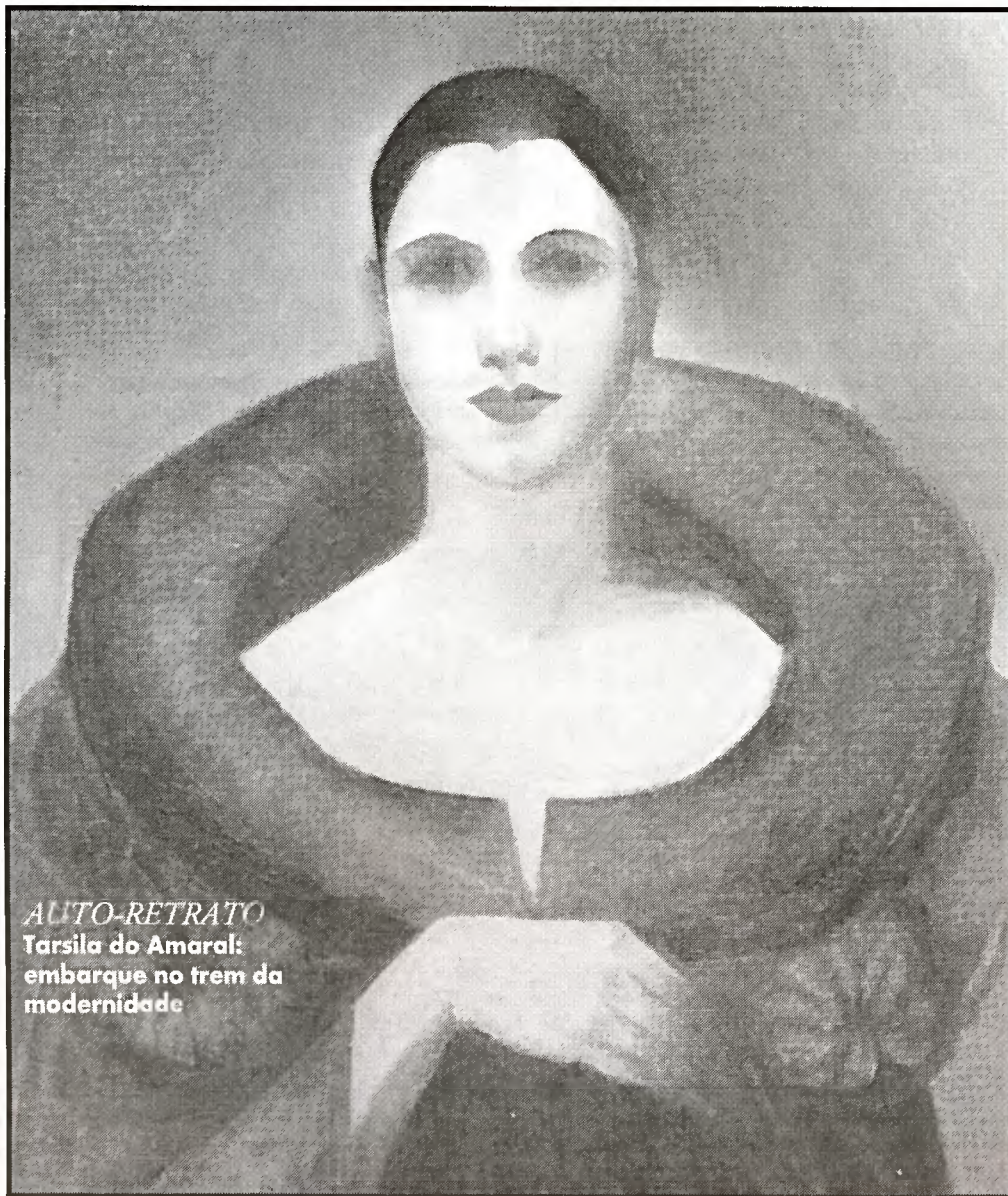
Macunaíma: cenas do filme de Joaquim Pedro de Andrade, com Grande Otelo, acentuam a indolência, a irreverência e a visão tropicalista do personagem

ela, Mário de Andrade teria visto, na ausência de civilização e de consciência, a aproximação entre o herói indígena e o homem brasileiro. Porém, entender a atualidade do personagem também significa perceber como a obra realiza a mediação entre o material folclórico, a "fala brasileira" e a linguagem de nível culto. "Além de ser um dos mentores do modernismo de 22, Mário de Andrade representa, juntamente com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, o ato decisivo de nosso embarque no trem da modernidade", avalia Aguinaldo José Gonçalves, professor do Departamento de Linguística do Ibilce.

CARNAVALIZAÇÃO

De acordo com Maria Heloísa, em *Macunaíma* o autor trabalha ironicamente com a tradição, colocando em cena o que hoje fascina tanto os seguidores da cultura pós-moderna: a dinâmica hábil e "malandra" para jogar com uma pluralidade de dados. "A intertextualidade, o dialogismo, a polifonia e a carnavalização apontam exatamente para o que há de mais intrigante no livro: o poder de metamorfose da linguagem", afirma.

Macunaíma somente atingiu o grande público quando a obra foi filmada, em 1969, sob uma ótica tropicalista, por Joaquim Pedro de Andrade. As platéias e os críticos adoraram o Macunaíma preto genialmente interpretado por Grande Otelo, que mais tarde se transformaria no jovem branco vivido por Paulo José. O livro também ganhou uma versão no palco, dirigida por Antu-



AUTO-RETRATO
Tarsila do Amaral:
embarque no trem da modernidade

Auto-retrato [1923], de Tarsila do Amaral

Mucha tambocha y poco bizcocho

Traduções e traições do herói no reino hispânico

Tradutores costumam ser traidores, como ensina a história da literatura. A questão se agrava quando se trata de Macunaíma, que trabalha amplamente com a linguagem e o folclore. As traduções para o espanhol da obra ganham uma dificuldade adicional, pois Mário de Andrade a concebeu justamente sob uma dimensão continental. Heloísa Costa Milton, professora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, deteve-se particularmente na tradução realizada pelo poeta mexicano Héctor Olea, publicada na Espanha em 1977. "O tradutor altera o conteúdo e a forma de algumas passagens, visando conferir uma coloração hispano-americana a fatos e motivações presentes na narrativa original", diz a professora.

A docente exemplifica as dificuldades e soluções criativas da tradução de Olea com o bordão macunaímico "Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são!", que foi transformado em "Mucha tambocha y poco bizcocho, son luchas que al Brasil dejan mocho", onde tambocha é um colômbiano que significa formiga carnívora; bizcocho, alimento cuja falta gera fraqueza; e mocho, "pelado". "O dístico em espanhol alude ao mesmo tipo de problema ou de carência levantado pelo original, embora não opere com o jogo de palavra saúde/saúva", explica Heloísa.

Hoje, Macunaíma

Marcos Siscar

Num dos prefácios que escreveu para *Macunaíma*, Mário de Andrade se refere à "circunstância de o herói do livro não ser absolutamente brasileiro". Como entender, então, que o "herói sem nenhum caráter" seja também o "herói da nossa gente"? E que possa sê-lo até hoje, 70 anos depois?

A simplificação de se tomar Macunaíma como alegoria do brasileiro já foi apontada pela crítica, e a própria idéia de que a rapsódia picaresca de Mário de Andrade esteja ligada necessariamente a uma escrita da nacionalidade levanta mais questões do que respostas. O interesse da obra estaria em ser um documento estético do labor do folclorista que era Mário de Andrade (preocupado com a delimitação e o estudo minuciosos do valor nacional da cultura popular) ou estaria na sua escrita exuberante, como que desejosa de uma reapropriação antropofágica (projetando-se na direção de um presente universal e utópico)? Os interessados devem fazer seus lances. Pois, de fato, defender a necessidade da consideração da nacionalidade diz muito sobre os leitores de Macunaíma, propriamente.

Se, no entanto, assumindo a responsabilidade de responder ao desafio lançado pelo autor do livro, procurássemos saber por que tal herói é de "nossa gente", encontraríamos talvez essa proposição: Macunaíma não é um livro que apresenta a imagem do Brasil, mas uma obra que apresenta os dilemas e tensões que compõem a reflexão sobre a nacionalidade. O "herói de nossa gente" não é somente um herói contraditório, como só acontece aos pícaros, mas a própria contradição (melhor: a aporia) transformada em herói. O herói Macunaíma oscila freqüentemente entre a falta de caráter e a descaracterização. A identidade que descobrimos em nós, ao encarar a figura inconstantemente retinta de Macunaíma, é aquela marcada pelo caráter ambivalente de sua própria proveniência enquanto identidade.

Porém, à diferença talvez de seus ensaios "antropológicos", Mário de Andrade não apresenta essa aporia como um momento de dificuldade ou de angústia. Se a aporia é transformada em herói, isso lhe dá uma dimensão épico-poética que não é negligenciável. Assim, parecem conviver na obra tanto a indeterminação pessimista oriunda da reflexão quanto um certo triunfo da experiência poética; tanto a disforia quanto a euforia. Não é pouco o que Macunaíma pode nos dar, agora, 70 anos depois.

(*) Conflito entre opiniões, contrárias e igualmente concludentes, em resposta a uma mesma questão.

Marcos Siscar é professor do Departamento de Teoria Lingüística e Literária do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto.

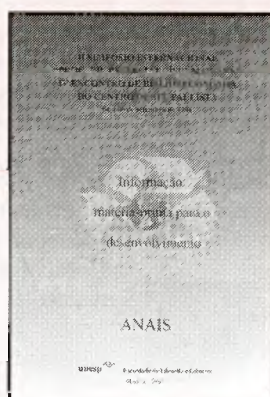
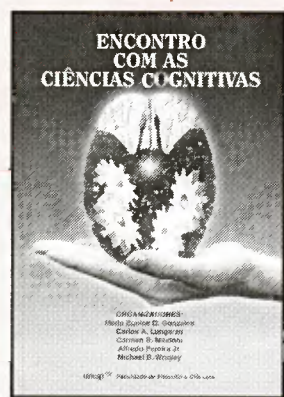


Encontros e simpósios viram livros

Marília lança volumes com resultados de quatro eventos

Uma das tarefas da universidade é promover encontros que estimulem o diálogo entre os acadêmicos. Busca-se, assim, a atualização e a divulgação de pesquisas. Tal princípio se torna ainda mais verdadeiro quando um congresso ganha a forma de livro. "Isso torna possível avaliar melhor os pontos positivos e negativos de uma reunião científica", diz o pesquisador Carlos Lungarzo, do Grupo de Estudos Cognitivos (Gec) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília. Co-organizador do *Encontro com as Ciências Cognitivas* (276 páginas), coletânea publicada a partir do evento Encontro Brasileiro-Internacional de Ciências Cognitivas, realizado em Marília, em 1995, com participantes do Brasil, Reino Unido, Dinamarca, Alemanha, Itália e EUA, o docente julga essencial a recente publicação, pelo Núcleo de Apoio às Atividades Acadêmicas (Nac) da FFC, das comunicações, palestras e comentários do evento. "Abordamos desde fundamentos históricos e conceituais até visões críticas do setor", conta Lungarzo.

Além de publicar os anais do Encontro, o



Os lançamentos do Núcleo de Apoio às Atividades Acadêmicas: *Encontro com as Ciências Cognitivas*, *Informação: matéria-prima para o desenvolvimento* e *A Empresa sem Patrão*

Nac está lançando outros dois livros, que tiveram sua origem em eventos que ocorreram na cidade. Um deles, o I Simpósio Nacional Universidade-Empresa sobre Autogestão, realizado em 1996, foi organizado

pelo grupo de pesquisa Organizações e Democracia, da UNESP, em parceria com a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária - Anteg. "Reunimos acadêmi-

cos e trabalhadores de empresas autogeridas para estabelecer uma relação mais próxima entre a Universidade e as organizações que se valem da autogestão", diz Cândido Giraldez Vieitez, organizador da publicação *A empresa sem patrão* (140 páginas) e professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC.

O outro volume reúne dois eventos que também ocorreram, em 1996, em Marília: o II Simpósio Internacional "Prof. Dr. Paulo Tarcsio Mayrink" e o IV Encontro de Biblioteconomia do Centro-Oeste Paulista, ambos sob o tema *Informação: matéria-prima para o desenvolvimento* (94 páginas). Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da FFC, Tullo Vigevani julga que o evento discutiu o domínio da tecnologia e o papel da informação para promover o desenvolvimento. "O sistema educacional exige indivíduos com capacidade analítica e preparação tecnológica básica", alerta.

Maiores informações sobre as publicações podem ser obtidas no Nac, câmpus de Marília, pelo telefone (014) 433-1844, ramais 177 e 195, ou pelo e-mail uemar@eu.ansp.br

POSSE

Nova diretoria em Presidente Prudente

A Faculdade de Ciências e Tecnologia, FCT, câmpus de Presidente Prudente, tem, desde o último dia 20 de março, novo comando. O cargo máximo da instituição agora é ocupado pelo matemático Messias Meneguette Junior, até então vice-diretor de Alvanir de Figueiredo. Seu vice é Neri Alves, chefe do Departamento de Física, Química e Biologia da faculdade.

A promessa de dar continuidade ao trabalho de seu antecessor foi, na opinião de Meneguette, um forte motivo para a comunidade apoiar seu nome na condução dos rumos da faculdade nos próximos quatro anos. "O professor Alvanir teve o mérito de procurar atender às reivindicações de todos os segmentos da comunidade, sem distinção, analisando os problemas sempre de acordo com as condições da faculdade", afirma o diretor. "Prendemos administrar a FCT da mesma forma."

A nova diretoria planeja priorizar, especialmente, os projetos que visam expandir a faculdade. "Aumentar o número de salas de aula e melhorar as condições de infra-estrutura para o trabalho de professores, funcionários técnico-administrativos e alunos são condi-

ções essenciais para valorizar o tempo integral dos docentes e, principalmente, podermos criar mais cursos de graduação e pós-graduação, inclusive no período noturno", explica.

3x4

Messias Meneguette Junior, 47 anos, é casado e tem três filhos. Formou-se em Matemática em 1977, pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) do câmpus da UNESP de São José do Rio Preto. Concluiu o mestrado em 1981, pela USP (São Carlos). Em 1987, doutorou-se em Análises Numéricas pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Leciona na FCT de Presidente Prudente desde 1979, tendo sido chefe de departamento em duas oportunidades, entre 1989 e 1993.



Neri Alves e Messias Meneguette Junior: vice e diretor da FCT

NOMEAÇÃO

Docente integra comissão de avaliação

O odontologista Antônio César Perri de Carvalho, professor titular e membro do Conselho de Curso de Pós-Graduação, na área de Cirurgia e Traumatologia Bucal-Maxilo-Facial, da Faculdade de Odontologia, câmpus de Araçatuba, foi nomeado, pelo ministro da Educação, membro da Comissão de Especialistas em Ensino de Odontologia. Essa comissão tem por objetivo assessorar o MEC, analisar propostas de novos cursos e avaliar as Faculdades de Odontologia.

A atividade imediata da comissão será a avaliação das escolas de Odontologia de todo o País. "Vamos começar pelas 85 faculdades cujos alunos prestaram o último provão", informa Perri de Carva-

lho. "As cerca de 20 restantes, que ainda não têm formandos, serão analisadas posteriormente." O trabalho, iniciado no dia 15 de abril, deverá estar concluído em 30 de agosto. De acordo com o professor, serão analisados, entre outras coisas, o projeto pedagógico das faculdades, a qualificação de seu corpo docente, sua estrutura física — laboratórios, clínicas, bibliotecas e acervo — e a situação de alunos já formados.

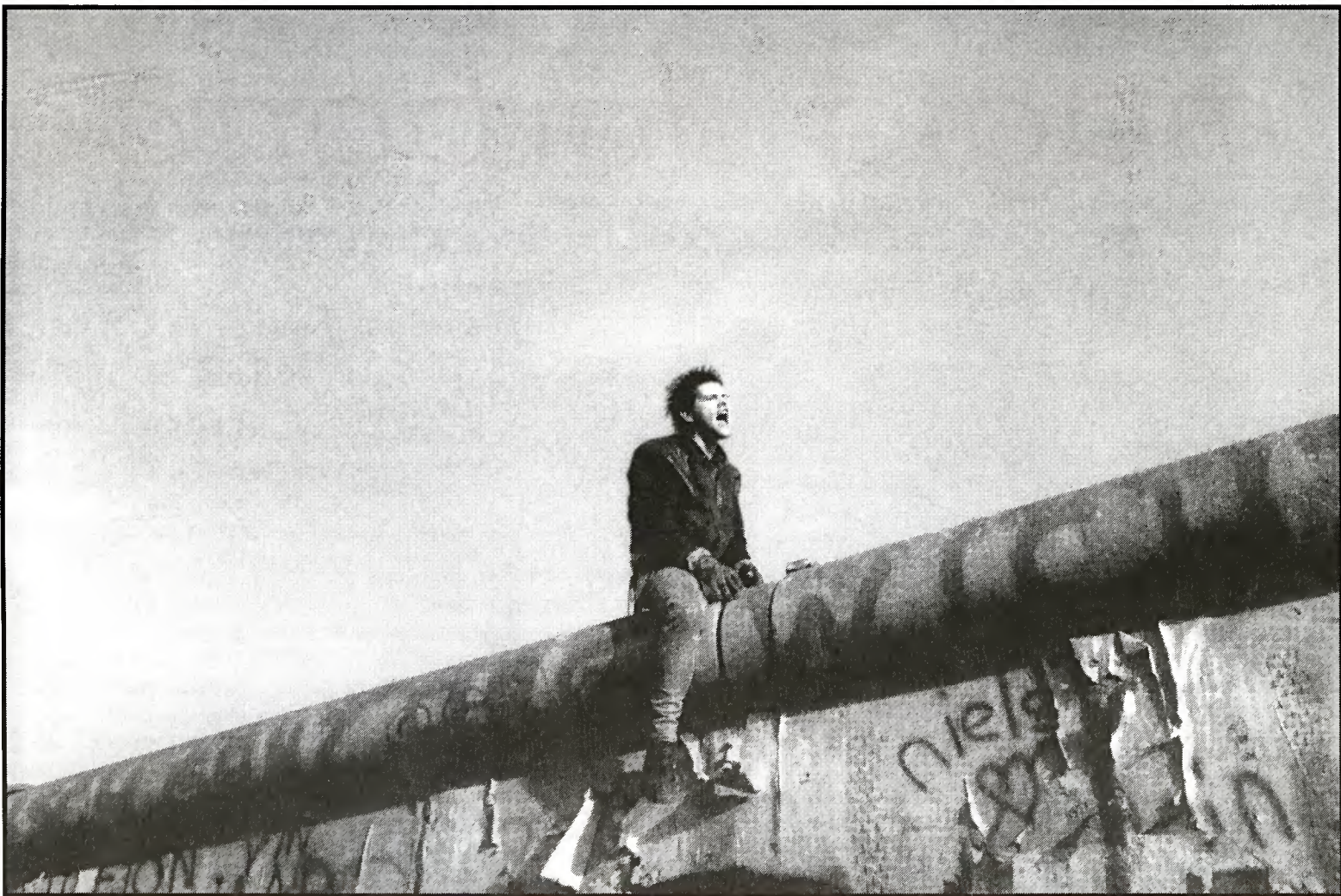
Perri de Carvalho foi nomeado para a Comissão de Especialistas em Ensino de Odontologia por causa de seus trabalhos de pesquisa, publicação de estudos e livros e devido à sua participação na Comissão do Exame Nacional de Cursos, o provão.

INFORMÁTICA

Intranet em ação

Foi inaugurado, em março último, o projeto piloto da Intranet da UNESP, que deverá funcionar como um mecanismo de troca de informações e divulgação dos diversos setores da Universidade. "O principal objetivo é dinamizar e dar maior eficiência às relações corporativas", diz Adriano Mauro Cansian, assessor chefe de informática. Como o objetivo é facilitar a circulação de informações de interesse exclusivo da comunidade unespiana, o acesso à Intranet só será possível a partir da rede Unespnet. "Este novo website pretende ser não somente uma fonte de informações, mas também uma eficiente ferramenta de trabalho e colaboração para as atividades administrativas da UNESP", diz Cansian. O endereço do servidor é <http://intranet.unesp.br>, que pode ser acessado utilizando um browser tipo Netscape, Internet Explorer ou similar.





Reymond Depardon/Beifim, novembro de 1989

O império universal do Ocidente

O longo, quase milenar processo de ocidentalização do mundo

JOSÉ ANTONIO SEGATTO

N o momento em que a sociedade mundial, neste final de século e milênio, é objeto de um complexo de mudanças, envolvendo a globalização e a reestruturação capitalistas, a ofensiva neoliberal e privatizante, a crise do socialismo e do estado de bem-estar social etc., ressurgem construções ideológicas apregoando o “fim da história” e proclamando o triunfo definitivo do Ocidente capitalista e a universalização do liberalismo e do livre mercado.

Enquanto o projeto socialista, demonizado, sobretudo após o colapso do “socialismo real” na URSS e no Leste Europeu, passou a ser sinônimo de atraso, despotismo oriental, opressão e “totalitarismo”, o capitalismo, “vencedor” e “legitimado” por uma intensa e massiva operação político-ideológica, passou a ser identificado com a democracia; o Ocidente, com o mundo livre; e a sociedade norte-americana, com o modelo exemplar de liberdade e oportunidade.

Procurando explicar esse fenômeno, Marcos Del Roio, professor de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, em *O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*, originalmente tese de doutorado, busca precisamente demonstrar como esta realidade é mais um capítulo de um longo e quase milenar processo histórico de ocidentalização do mundo.

Optando pelo método histórico da análise, Del Roio tem como referencial o arcabouço teórico da tradição marxista, mais especificamente as formulações do dirigente comunista italiano Antonio Gra-

msci, presentes nos *Quaderni del carcere*. Categorias e noções, como bloco histórico, hegemonia e revolução passiva, são utilizadas, não de forma “restrita” para analisar formações sociais particulares, mas num sentido amplo ou “elástico”, para explicar aspectos ou o conjunto do mundo ocidental.

Utilizando-se de uma ampla e seletiva bibliografia, que vai dos “clássicos” da teoria política até as interpretações contemporâneas, o autor trabalha um largo período histórico, delimitando os principais momentos e fases do processo de criação do império universal do Ocidente. Simultaneamente, analisa seus antípodas, externos e internos, os seres sociais antagônicos e opostos, representados e tratados como o outro, negativo, inferior e subalterno.

Das heresias medievais ao comunismo, “no outro externo ao Ocidente configuram-se o mundo natural e os grupos socioculturais alheios ou oponentes, que têm sua externalidade definida pela religião, pela forma de organização do poder ou pela racialização”. Na evolução histórica do Ocidente, o “Oriente constitui a representação do *outro* por exce-

lência (...) seu verdadeiro antípoda, seu complemento perverso, tido por inferior, desprezível, freqüentemente perigoso”, que deve ser negado e subalternizado, por meio da ocidentalização.

No decorrer de sua exposição, o autor demarca os diversos períodos ao longo do processo histórico de ocidentalização do mundo, com as características sociopolíticas e culturais que lhe são peculiares:

- vai do século XI ao XVII, onde a identidade do Ocidente é construída em torno do império universal da cristandade ou do poder da Igreja de Roma, centro da ordem social feudal, que, após o declínio do feudalismo, é recomposto pela aliança da Igreja com os “países” ibéricos que possam ser instrumentos da expansão ocidental;
- no século XVIII, a modernidade burguesa em gestação ganha corpo com a formação do Estado Nacional, que passa a ser o propulsor do projeto de império universal; o ordenamento jurídico-político passa a fundar-se no princípio da lei e na igualdade formal, na generali-

zação das relações mercantis e na emergência do liberalismo, com uma visão de mundo laica e racional; cria-se assim a noção de despotismo oriental, como representação negativa do outro;

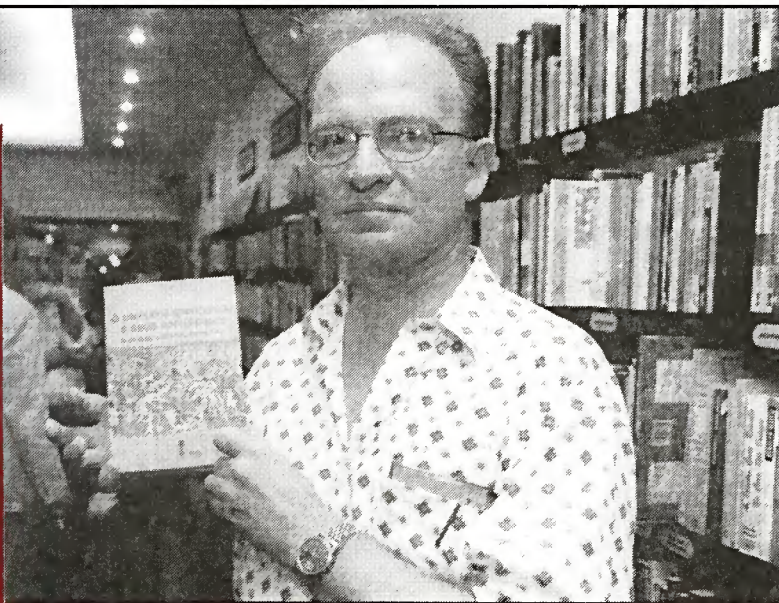
- época de generalização e consolidação da modernidade burguesa – desde finais do século XVIII até 1870 –, onde busca-se identificar liberalismo e democracia; o outro interno passa a ser agora o proletariado industrial; a teoria socialista revolucionária é o contraponto ao liberalismo;
- a crise da modernidade e do bloco histórico ocidental é expressa na Guerra dos Trinta Anos (1914-45) e na Revolução de Outubro na Rússia, retomando-se assim a noção de totalitarismo como representação do outro negativo (stalinismo e nazismo), visando recompor a hegemonia;
- para fazer frente à crise e retomar a ofensiva de ocidentalização, são gestadas variadas formas de revolução passiva, do americanismo ao reformismo social-democrata, passando pelo corporativismo estatal fascista; e
- esgotamento daquelas formas de revolução passiva, em meados dos anos 70, e reestruturação do império do Ocidente – facilitada pela desestruturação do bloco socialista no Oriente – manifesto no processo de globalização e na ofensiva neoliberal.

Será a recomposição global do império ocidental uma vitória da revolução passiva permanente? Ou será o processo de globalização a vitória final do império ocidental liberal, o destino final da sociedade mundial? É possível, nestas condições, o surgimento de antípodas ou o advento de forças sociopolíticas antagônicas à ordem burguesa e ao império do Ocidente, capazes de superá-lo com um projeto emancipador, libertário, igualitário? A conclusão do autor é que a condição inicial básica seria a refundação de uma práxis socialista que comporte uma teoria crítica da modernidade globalizada.

José Antonio Segatto é professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.



O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo, de Marcos Del Roio. Ícone Editora; 352 páginas; R\$33,00.



Hélio Toth

MARXISMO
Del Roio: das heresias medievais ao comunismo



EXPOSIÇÃO

A magia do barroco

Mostra reúne 364 peças dos séculos XVII e XVIII

Período dos mais ricos nas artes brasileiras, com manifestações que ultrapassam a pintura, a música e a literatura para avançar na escultura, talha, ourivesaria e arquitetura, entre outras formas de expressão, o barroco ganha uma exposição à altura de sua diversidade. *O Universo Mágico do Barroco Brasileiro*, que inaugura os 950 m² da Galeria de Arte do Sesi, no recém-inaugurado Centro Cultural FIESP, em São Paulo, passa a limpo as principais manifestações dessa escola, sobretudo aquelas ocorridas em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, entre 1640 e meados do século XIX.

Aberta em março último, com curadoria de Emanuel Araújo, diretor da Pinacoteca do Estado, a exposição reúne obras do escultor Aleijadinho, figura central do movimento, do pintor mineiro Manuel da Costa Ataíde, telas de Joaquim da Rocha e obras do mestre Valentim da Fonseca e Silva. Projeções no teto de mais de 30 fragmentos arquitetônicos de construções de estilo barroco e tetos de igrejas, além de músicas do período e poemas gravados de Manoel Botelho de Oliveira, ajudam a compor o ambiente de claro e escuro que permeia a mostra.

EVENTOS PARALELOS

“Estão reunidas 364 peças de valor inestimável, de seis Estados diferentes, abrangendo do pré-barroco ao rococó”, diz Percival Tirapelli, professor do Instituto de Artes da UNESP, câmpus de São



Hélio Toth

ATUAÇÃO Tirapelli: cursos, além da monitoria

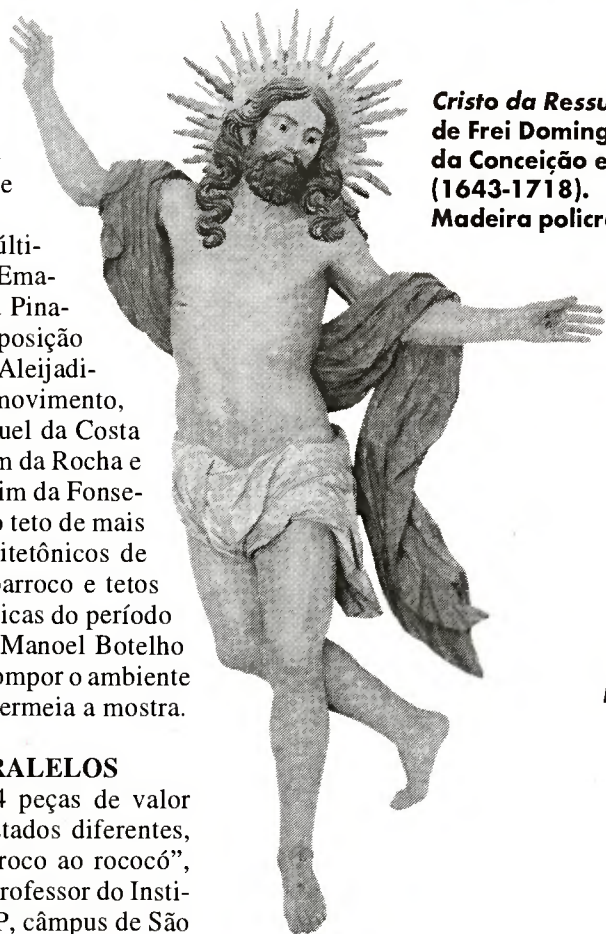
Paulo, e organizador dos eventos paralelos à exposição, que já incluíram um *show* da cantora Gal Costa, o depoimento do escritor Ignácio de Loyola Brandão, a encenação da peça *O avaro*, dirigida por Cacá Rosset, e uma apresentação de música barroca com o grupo vocal *Brasilessentia*, do IA, sob direção do maestro Vitor Gabriel.

O professor Tirapelli também foi responsável pela coordenação dos 14 monitores que assistem o público e pelos diversos cursos ministrados pelo IA sobre o tema. “Foram dadas palestras específicas sobre restauro, prataria, entalhe e iconografia”, conta a monitora Renata Gomes Nogueira, 21 anos, quartanista do curso de Educação Artística do IA. “Excetuando as preparações para as Bienais Internacionais de Arte de São Paulo, esta

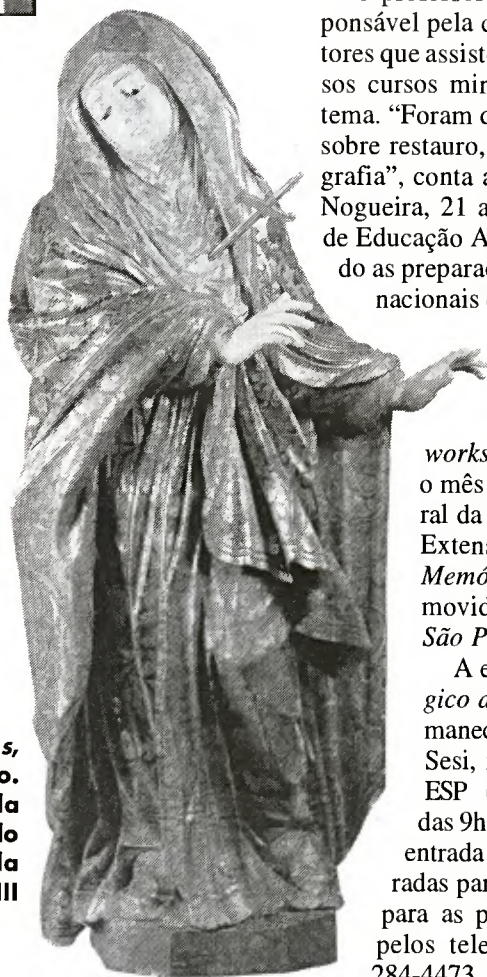
monitoria é a mais completa que já realizamos”, compara o docente, que coordena

workshops e palestras para todo o mês de maio no Centro Cultural da FIESP, além do Curso de Extensão Universitária *Barroco Memória Viva – Salvador*, promovido pelo IA. (veja *Agenda São Paulo*, à pag. 15).

A exposição *O Universo Mágico do Barroco Brasileiro* permanece na Galeria de Arte do Sesi, no Centro Cultural da FIESP (Avenida Paulista, 1313; das 9h às 19h), até 3 de agosto. A entrada é gratuita. Visitas monitoradas para a exposição ou reservas para as palestras podem ser feitas pelos telefones (011) 284-3639 e 284-4473.



Cristo da Ressurreição, de Frei Domingos da Conceição e Silva (1643-1718). Madeira policromada



Nossa Senhora das Dores, autor desconhecido. Imagem procedente da Antiga Sé Primacial do Brasil, São Salvador da Bahia. Século XVIII

ARAÇATUBA

- 4 a 15/05. Curso de Capacitação para Cirurgiões-dentistas sobre **Assistência Odontológica Integral a Pacientes Especiais**. Promovido pela Sociedade Pró-Estudo, Pesquisa e Assistência a Pacientes Especiais, sociedade que apóia o Centro de Assistência Odontológica a Excepcionais (Caoe) da Faculdade de Odontologia (FO). No Caoe. Informações: (018) 624-5555, ramal 403, ou 622-4125, com Maricelma Rezende.
- 8/05. Curso **Tratamento das Desordens Temporomandibulares**. Promoção do Núcleo de Diagnóstico e Tratamento das Disfunções Temporomandibulares da FO. Das 8h às 12h e das 14h às 18h. No Anfiteatro do câmpus. Inscrições (018) 624-5555, ramais 203 e 234, com Bernardete ou Rosana
- 8/05. Abertura do período de inscrição para o Curso **Oclusão & ATM**, a ser realizado em dez módulos a partir de 7/08. Promoção do Núcleo de Diagnóstico e Tratamento das Disfunções Temporomandibulares da FO. Aulas teóricas, práticas de laboratório e atendimento clínico de pacientes com desordens temporomandibulares. Vagas para 14 profissionais. Na FO. Inscrições (018) 624-5555, ramais 203 e 234, com Bernardete ou Rosana
- 21 e 22/05. 2º Encontro Nacional e 3º Encontro Paulista de Professores de Ci-

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS
PELAS UNIDADES NO MÊS DE MAIO

rurgia, Prótese e Traumatologia Buco-Maxilo-Faciais. Promoção do Curso de Pós-Graduação em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial da FO. No Anfiteatro do câmpus. Informações: (018) 622-2136 ou 624-5555, ramal 242, com Dr. Paulo, Isabel ou Cláudia.

ARARAQUARA

- 6 e 7/05. Curso **Biossegurança em Laboratórios e Serviços de Hemoterapia**. No Anfiteatro 7 da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações: (016) 232-0880, com Sonia, ou 232-3966, com Rcnata, na Secretaria do Núcleo de Atendimento à Comunidade da FCF.
- 11 a 15/05. Semana do Curso de Letras e da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) sob o tema “**Raízes do Brasil: encontros e confrontos**”. Presença do escritor José J. Veiga, do artista Antônio Nóbrega e da cantora Marliu

Miranda, além de apresentação do Grupo Coral Brasilessência, do Instituto de Artes da UNESP, câmpus de São Paulo. No Anfiteatro A da FCL. Informações: (016) 232-0444.

• 21 e 22/05. 43º Reunião da Região Brasileira da Sociedade Internacional de **Biometria**. Conferências e mesa-redonda sob o tema “Interdisciplinaridade da Estatística”. Promoção da FCF, Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Faculdade de Odontologia e Instituto de Química. Nos Anfiteatros A e B da FCL. Informações: (016) 232-0444, ramal 141.

ASSIS

• 26 a 28/05. XVI Semana de História da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), com o tema “**Emergências da Liberdade**”. Discussão de eventos-marco, como a Revolução de 1848, as manifestações estudantis de 1968, o cinema novo brasi-

leiro, as greves de 1978 em São Paulo e os movimentos pela posse de terra no Brasil. Na FCL. Informações: (018) 322-2933, ramal 228, no Departamento de História.

BAURU

- 18 a 23/05. VI Semana de **Engenharia**. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (014) 230-2111.
- 1º/06. Último dia para a inscrição no curso **Tratamento de Resíduos Sólidos**, a ser realizado de 10 a 13/06. Na FE. Informações: (014) 230-2166 ou (014) 230-2111, ramal 291, na Fundação para o Desenvolvimento de Bauru.

BOTUCATU

• 4/05. Início do período de inscrição para o II Workshop em **Manejo de Bacias Hidrográficas**, que será realizado de 31/05 a 3/06. As inscrições

serão encerradas em 29/05. Promoção do Departamento de Ciências Florestais da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Informações: (014) 821-3883, ramal 168.

- 4 a 7/05. Curso **Interpretação de Análise de Solo e Planta para Fins de Recomendação de Calagem e Adubação**. Promoção do Departamento de Ciência do Solo da FCA. Informações: (014) 821-3883.
- 10 a 13/05. Second International Symposium on **Natural Polymers and Composites ISNaPol 98**. Co-promovido pela FCA. No Village Eldorado Atibaia Hotel, em Atibaia, SP. Informações na ORGANeasly Produção de Eventos: (016) 271-1734/981-5103.

• 11 a 15/05. Curso de Atualização “**Aplicação dos Métodos de Diagnóstico por Imagem nas Principais Doenças do Sistema Digestório de Cães e Gatos**”. Na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. (FMVZ). Informações: (014) 821-2121, ramal 2045, com Ana Carolina ou Flávio Augusto. Inscrições: (014) 821-2121, ramal 2019, na Fundação de Apoio aos Hospitais Veterinários da UNESP (Funvet).

• 12 a 14/05. XIV Semana de **Enfermagem** de Botucatu. Co-promoção do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Medicina (FM). No



Salão Nobre da FM. Informações: (014) 821-2121.

• 13/05. Liberação dos **Bixos** (Festa e Plantio de Árvores). Promoção do Diretório Acadêmico da Agronomia e Engenharia Florestal. Informações: (014) 821-3883.



• 15 e 16/05. III Workshop de **Plantas Mediciniais** de Botucatu. Haverá palestras, mesas-redondas, sessão de painéis e o lançamento da Revista Brasileira de Plantas Mediciniais. Promoção do Núcleo Pró-Centro de Plantas Mediciniais. No Anfiteatro do Instituto de Biociências (IB). Informações: (014) 821-2121, ramal 2255, no Departamento de Química, com Bete ou Dr. Fernando Broetto.

• 21 a 24/05. Simpósio Internacional de **Patologia Clínica Veterinária**. Promoção do Departamento de Clínica Veterinária da FMVZ. Abertura e coquetel no Salão Nobre do Botucatu Tênis Clube. Palestras no Anfiteatro do IB. Informações: (014) 821-2121, ramal 2019, na Funvet.

• 25 a 28/05. Simpósio **Ecologia de Reservatórios**: estrutura, função e aspectos sociais. Co-promovido pelo IB. Informações: (014) 821-2537 ou 821-2121, ramal 2268, no Departamento de Zoologia.

FRANCA

• 4 a 15/05. Período de inscrição para o Curso de Extensão Universitária Franca e a **História do Couro e do Calçado** (1860-1945), a ser realizado de 3/06 a 3/08. Promoção do Departamento de Estudos Históricos Básicos. Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Informações: (016) 711-1800.

• 7 e 8/05. Curso, palestra e mesa-redonda **Análise de Conjuntura**. Dia 7, palestra "Análise e conjuntura e políticas sociais". Dia 8, mesa-redonda "Questões sociais emergentes". Coordenação do Grupo Programa Especial de Treinamento do curso de Serviço Social. Na FDHSS. Informações: (016) 711-1800.

• 19 e 20/5. Colóquio **Movimento Estudantil**: 30 anos nas ruas. Palestras, vídeos e mesas. Promoção do Departamento de Estudos Históricos Básicos. Na FDHSS. Informações: (016) 711-1800.

• 19/05. Vivência de **Biodança**. "Integração de alunos novos através da música e movimento corporal". Na FDHSS. Informações: (016) 711-1800.

• 27 a 29/05. II Encontro de Estudos de **Direito do Consumidor**. Promoção do Departamento de Direito Público em conjunto com a Empresa Júnior de Assessoria Jurídica. Na FHDSS, campus de Franca. Informações: (016) 711-1800.

• 30/05. Palestra Educação para a Comunidade e para a Universidade. Com Frei Betto. Às 19h. Na FHDSS, campus de Franca. Informações: (016) 711-1800.

GUARATINGUETÁ

• 8/05. Último dia para a inscrição pelo correio para a Terceira **Volta do Câmpus Universitário**, a ser realizada em 17/05, às 9h, com percurso de 5.000 m. O evento comemora os 32 anos da Faculdade de Engenharia (FE) e os 25 da Associação dos Servidores do mesmo câmpus. Participação dos ex-atletas João Carlos de Oliveira (João do Pulo) e Adhemar Ferreira da Silva. Informações: (012) 525-2800, ramal 156

• 13/05. Palestra "**Verbas para a educação**", com a presença do deputado estadual Cesar Caligari. Na FE. Às 15h. Informações: (012) 525-2800, ramal 132.

ILHA SOLTEIRA

• 19 e 20/05. O I Encontro de **Físicos** da UNESP. O objetivo é integrar os pesquisadores e a pesquisa em Física na Universidade. Promoção do Departamento de Física e Química. Na Faculdade de Engenharia. Informações: (018) 763-8132/8129.

JABOTICABAL

• 8/05. Curso **Calagem e Adubação de Soja**. Promoção da Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep) da UNESP. Na sala 31, da Central de Aulas da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (016) 322-1322, ramais 219 e 224.

• 8 a 12/05. Curso de Extensão Universitária Introdução à **Biologia Marinha**. Promoção do Departamento de Biologia Aplicada da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), do centro de Aquicultura da UNESP e do Núcleo de Estudos em Biologia, Ecologia e Cultivo de Crustáceos (Nebecc). Em Ubatuba, SP. Informações: (016) 323-2500, ramais 229 e 230, no Departamento de Biologia Aplicada da FCAV.

• 22/05. Curso **Uso de Micronutrientes Via Solo e Via Semente**. Promoção da Funep. Na sala 31 da Central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 322-1322, ramal 219 e 224.

• 23/05. Curso **Uso de Biosólidos na Agricultura**. Promoção da Funep. Na sala 31 da central de Aulas da FCAV. Informações: (016) 322-1322, ramal 219 e 224.

• 30 e 31/05. Curso **Criação de Aves-**

truzes e Emas. Organização: Funep. No Centro de Convenções "Dr. Ivaldo Melito" da FCAV. Informações: (016) 323-1322, ramal 219 e 224.

MARÍLIA

• 6 e 7/05. I Encontro de **Grupos de Pesquisa** da Faculdade de Filosofia e Ciências (FCF). Promoção da Comissão de Pesquisa. Na FFC. Informações: (014) 421-1277 ou 421-1295, no Núcleo de Apoio às Atividades Acadêmicas (Nac).

• 11 a 15/05. Mesa-redonda **Áreas de Atuação Relacionadas aos Cursos de Graduação**. Promoção da Comissão de Ensino. Na FFC. Informações: (014) 421-1277 ou 421-1295, no Nac.

• 14 e 15/05. Encontro de **Educação Continuada e o Ensino de Ciências**. Durante o evento, será inaugurado o Centro de Ciências. No Anfiteatro II e Centro de Ciências. Informações: (014) 421-1295 e 421-1277.

• 18 a 21/05. II Seminário sobre **Direitos Humanos**. Promoção do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania. Na FFC. Informações: (014) 421-1277 ou 421-1295, no Nac.

• 20/05. Evento **Brasil 500 anos**: História, Encontros e Desencontros. No Anfiteatro I. Informações: (014) 421-1295 e 421-1277.

• 26 a 28/05. IV Jornada de **Educação Especial**. Promoção do Departamento de Educação Especial. Na FFC. Informações: (014) 421-1277 ou 421-1295, no Nac.

• 26/05 a 23/06. Exposição **O toque revelador: Alfredo Volpi**. Exposição itinerante do Museu de Arte Contemporânea da USP. Co-promoção da Universidade da Terceira Idade. No Saguão da Biblioteca da FFC. Informações: (014) 421-1200, ramal 30.

• 27/05. Palestra **A economia brasileira na globalização**. Promoção do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas. Na FFC. Informações: (014) 421-1277 ou 421-1295, no Nac.

P. PRUDENTE

• 19 a 28/05. Exposição Comemorativa dos **150 anos do Manifesto do Partido Comunista**. Promoção do Departamento de Geografia e Centro de Memória, Documentação e Memeroteca Sindical "Florestan Fernandes" da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). No Saguão Superior da Biblioteca da FCT.

Informações: (018) 221-5388.

• 27 a 29/05. II Semana de **Estatística** da FCT. Promoção da coordenação do Curso de Estatística. Na FCT. Informações: (018) 221-5388.

RIO CLARO

• 11 a 13/05. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o **Estudo da Paisagem**. Realização de conferências, mesas-redondas e exposição de painéis. Promoção do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). No IGCE. Informações: (019) 524-4309.

• 11 a 17/05. Projeto de Extensão Universitária Atividades Lúdicas e de Sensibilização em **Educação Ambiental** (Recreação Ambiental). Para alunos da UNESP, professores de primeiro e segundo grau e atuantes na área. No Instituto de Biociências (IB). Informações e inscrições: (019) 534-0244, ramais 161 ou 163, no Laboratório de Biodinâmica, do Departamento de Educação Física do IB, com Patrícia.

• 25/05. Projeção do filme **Canudos**. Na Sala de Projeção da Biblioteca Central, câmpus Bela Vista. Promoção do Grupo Especial de Treinamento (PET) - Geografia do IGCE. Às 18h30. Grátis. Informações: (019) 524-4309.



• 28 e 29/05. Encontro Comemorativo do **Dia do Geógrafo** sob a temática "A Geografia de Vanguarda". Promovido pelo Conselho do Curso de Graduação em Geografia do IGCE. No IGCE. Informações: (019) 524-4309.

S. J. RIO PRETO

• 11 a 15/05. Curso **Susceptibilidade Genética e Câncer**. Ministrado por Sherif Abdel-Rahman Universidade do Texas). Copromoção do Curso de

Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Área de Concentração em Genética. No Auditório C no Laboratório de Evolução Molecular do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: (017) 221-2200.

• 15/05. Inauguração das novas instalações do **Laboratório de Ficologia e do Herbário "SJR"**, ambos do Departamento de Botânica do Ibilce. Às 10h. No Ibilce. Informações: (017) 221-2200.

SÃO PAULO

• 4/05. Último dia para a inscrição para o Curso **Escultura em Arame**, a ser realizado dias 6, 13 e 27/05. Das 14h30 às 16h. Nas Oficinas de Artes do Instituto de Artes (IA). Informações: (011) 274-4733, ramal 221, com Patrícia ou Rogério.

• 5/05. Último dia para a inscrição para o Curso de **Iniciação à Trompa**, a ser realizado de 9/05 a 21/11. No IA. Informações: (011) 274-4733, ramal 221, com Patrícia ou Rogério.

• 5 a 8, 12, 14 e 28/05. Eventos paralelos à exposição **O Universo Mágico do Barroco Brasileiro**, organizados pelo professor Percival Tirapelli, do Instituto de Artes (IA) da UNESP. Haverá *workshops* sob o tema "O templo religioso como centro de difusão de cultura nos séculos XVII e XVIII". Dia 5, "Os compositores da música colonial brasileira", de Paulo Castagna (IA, UNESP); dia 6, "A liturgia, arte e beleza: o patrimônio móvel das sacristias no Brasil", de Cleide Biancardi (IA, UNESP); dia 7, "Política barroca: arte da dissimulação", de Adone Agnolin (Universidade de Pádua, Itália); dia 8, "Movimentação arquitetônica e decorativa no barroco tardio", de Wolfgang Pfeiffer (Universidade de Dresden, Alemanha); e dia 12, "Imaginárias paulista e brasileira", de Maria Olímpia Dutzmann (ECA-USP). Também serão realizadas duas palestras: dia 14, "Escultura no Brasil Colonial", de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (UFRJ); e dia 28, "A literatura brasileira no século XVII", de João Adolfo Hansen (USP). No Centro Cultural Fiesp. Avenida Paulista, 1313, Das 19h30 às 21h. Reservas pelos telefones: (011) 284-3639 e 284-4473.

• 07/05. Lançamento do **Projeto Reciclar** do IA em parceria com o Departamento de Limpeza Urbana da Cidade de São Paulo. Haverá performances, exposições, apresentação musical e palestras sobre o tema da reciclagem. Informações: (011) 274-4733, ramal 221.

• 15/05. Último dia para a inscrição no Curso de Extensão Universitária **Projeto Barroco Memória Viva 98 - Salvador**, cuja primeira etapa será realizada de 20 a 24/05, das 19h às 21h. Dia 23, haverá visita à Capela da Ordem Terceira do Carmo, em Mogi das Cruzes. Dia 24, visita ao Centro Histórico de São Paulo. Viagem a Salvador será realizada de 8 a 16/07. Promoção do Departamento de Expressão e Comunicação. Informações: (011) 274-4733, na Seção de Graduação do IA, com Lourdes.

SÃO VICENTE

• 5/05. Último dia para a inscrição no Curso **Jogos Teatrais na Educação**, a ser realizado de 8 a 22/05. Às sextas-feiras. Das 14h às 18h. No Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral (Cepel). Informações: (013) 469-7682

• 6 a 15/05. Período de inscrição para o curso **Ecologia Marinha**, a ser realizado de 23/05 a 11/07. Aos sábados. Das 9h às 12h e das 13h às 16h. No Cepel. Informações: (013) 469-7682.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
- edição de junho, 15/05
- edição de julho, 15/06
- edição de agosto, 15/07

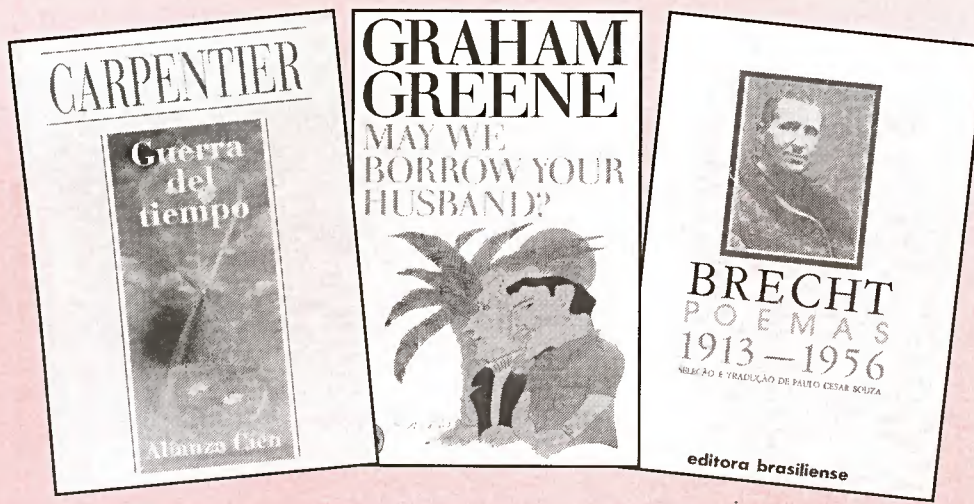
LETRAS

Tradução em debate

Reunir professores universitários, alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores, tradutores e escritores para discutir diversos temas relacionados ao universo das letras contemporâneas. Esse é o principal objetivo do *V Encontro Internacional de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras* (EPLLE), a ser realizado de 5 a 8 de maio, em Assis. Os principais temas a serem debatidos, em conferências e mesas-redondas, são "As línguas e literaturas estrangeiras às portas do ano 2000", "Português para estrangeiros", "Universidade aberta/Ensino a distância", "Inovações tecnológicas no ensino de línguas e literaturas estrangeiras" e "Práticas tradutorias".

A abertura contará com a apresentação do poeta alemão

José Oliver, que recebeu, no ano passado, o conceituado Prêmio Adalbert-van-Chamisso. "Sob o tema 'Lírica ou canto', ele vai discorrer sobre o diálogo entre a música e a poesia", diz Marlene Holzhausen, professora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis, e coordenadora do evento. Confirmaram presença profissionais, críticos e tradutores de Cuba, Suíça, Áustria, Espanha, Alemanha, Uruguai, Portugal e Itália. "Estudiosos brasileiros e internacionais de diversas universidades discutirão questões atualizadas sobre o ensino de alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e português para estrangeiros", conclui a docente. Informações: (018) 322-2933.



Ecos do passado

Pesquisadores aceleram escavações em sítios arqueológicos para salvar relíquias de inundação

É um roteiro digno de Indiana Jones, aquele superarqueólogo criado pelo cineasta Steven Spielberg. Comportas de uma gigantesca hidrelétrica são fechadas e o nível das águas sobe rapidamente, enquanto uma equipe de pesquisadores luta para salvar vestígios de civilizações que ali viveram há muitos séculos. Parece filme, mas não é.

Se tudo correr como previsto, no dia 1º de maio, ceram-se as comportas da barragem Porto Primavera, próxima a Presidente Prudente, Noroeste do Estado de São Paulo, e em 24 horas as águas do rio Paraná devem cobrir parte da região de 2.250 km² que será totalmente inundada em 1999. As poucas pessoas que viviam na região foram, claro, colocadas a salvo, assim como a maior parte da fauna: cachorros do mato, capivaras, tatus e um ou outro lobo-guará. Mas isso não é tudo: o subsolo dessa região, principalmente entre as cidades de Primavera e Jupia, esconde preciosíssimos objetos pré-históricos. “Nossa luta é contra o tempo”, diz a arqueóloga Rùth Kunzli, do Departamento de Planejamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, responsável pelo “Projeto de Salvamento Arqueológico Porto Primavera”. Esse projeto prevê o levantamento e a escavação de sítios arqueológicos na margem paulista do rio Paraná, desde a usina hidrelétrica de Porto Primavera até o Rio Aguapeí.

Antes que as comportas se fechem, no entanto, a responsável pela barragem, Companhia Energética de São Paulo, Cesp, precisa obter alvarás do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Cultural, Iphan, e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Ibama. Os alvarás, por sua vez, só serão concedidos com a anuência de Rùth Kunzli, única arqueóloga da UNESP, que pesquisa a região há mais de 15 anos. “Aceleramos os trabalhos e, em três meses, localizamos 64 sítios arqueológicos”, ela diz. “É claro que alguma coisa vai se perder, mas a barragem é necessária e espera-se que resolva os problemas de energia na região.”

URNAS DESTRUÍDAS

O trabalho da equipe de arqueólogos, comandada por Rùth, está sendo desenvolvido em duas etapas. A primeira começou em agosto de 1997 e se encerrou em abril último. “Desde a confluência dos rios Paranapanema e Paraná até a foz do rio do Peixe, coletamos 11.358 artefatos”, informa a pesquisadora. “Encontramos uma urna, várias lâminas de machado e mãos-

de-pilão, além de inúmeras pontas de flecha, que remontam às idades da Pedra Lascada e Pedra Polida, entre mil e 7 mil anos atrás.”

A segunda fase teve início em fevereiro último e irá até o final de 1999, antes que o lago seja totalmente formado. “Realizamos inicialmente trincheiras e quadrícula do terreno. Depois utilizamos pincel e colher de pedreiro, num trabalho fascinante e exaustivo”, explica a arqueóloga, que também é mestre em Antropologia Social.

Um dos maiores problemas que a equipe enfrentou foi controlar os moradores da região. “Em Iitororó do Paranapanema, por exemplo, a população encontrou cinco urnas e, antes que chegássemos ao local, elas

foram destruídas”, lamenta. “Essas pessoas pensam que descobertas arqueológicas trazem sempre riquezas, o que não é verdade, pois os índios brasileiros não utilizavam pedras preciosas ou metais em seus adornos.”

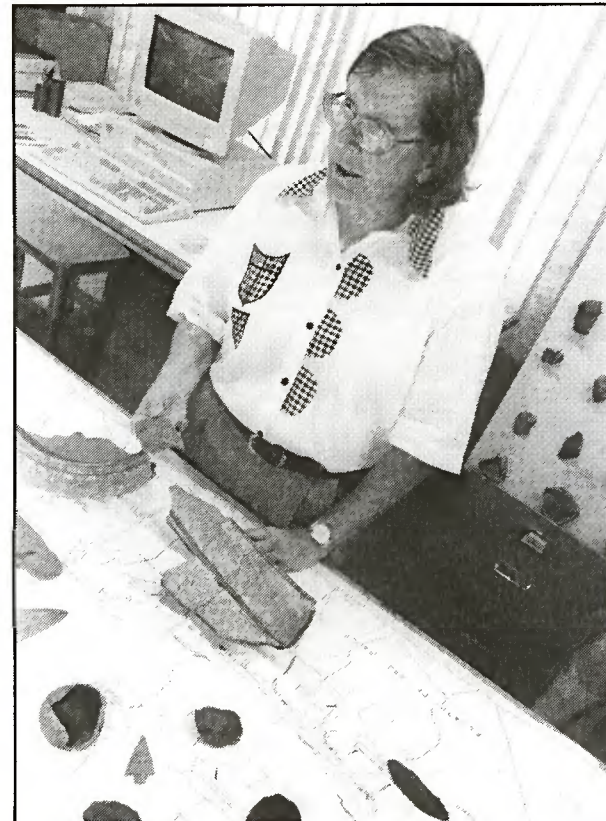
CENTRO DE DATAÇÃO

Outro problema com que se defrontou Rùth foi o fato de a região do Paranapanema ser caracterizada pela luta agrária. “Muitos fazendeiros nos confundem com partidários do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, mas tudo se esclarece com uma boa conversa”, ela conta. Como o acesso aos



PRÉ-HISTÓRIA

Porto Primavera: em três meses, escavações em 64 sítios arqueológicos



Rùth Kunzli (acima) e o terreno que será inundado: corrida contra o tempo

sítios nem sempre é fácil — às vezes, é preciso andar com água na altura do peito —, o bom relacionamento com os proprietários das terras é desejável. “Temos o direito legal de entrar em áreas que tenham sítios arqueológicos, mas preferimos usar sempre o diálogo”, analisa a pesquisadora.

Embora não exista, no Brasil, um centro que faça datação e caracterização de materiais como os encontrados, a professora supõe que eles sejam de duas populações diferentes. “Uma, de 7 mil anos atrás, era coletora-caçadora e produzia artefatos de pedra lascada. A outra, com mil anos, lavradora, produzia artefatos de pedra polida e cerâmica”. Há pouco, aliás, Rùth reuniu-se com representantes da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp, para tentar criar um centro de datação na UNESP. “Demonstramos que é mais barato ter um laboratório, que pode, inclusive, prestar serviços a instituições de todo o País, do que pagar para realizar estas datações no Exterior”, pondera.

O material coletado, nestas e em outras prospecções, é levado para o Laboratório de Estudos Arqueológicos da FCT, onde fica à espera de futuros estudos e posterior exibição ao público. Lá, as peças sofrem uma triagem, são limpas, numeradas e catalogadas para passarem por uma análise tecnopológica. “É verificada a forma de cada peça, o material utilizado e a sua função”, explica Rùth. “Também colamos pedaços para tentar conseguir a peça inteira”, diz, envolvida de corpo e alma nesse jogo milenar de quebra-cabeças para descortinar o passado a partir dos fragmentos encontrados no presente.

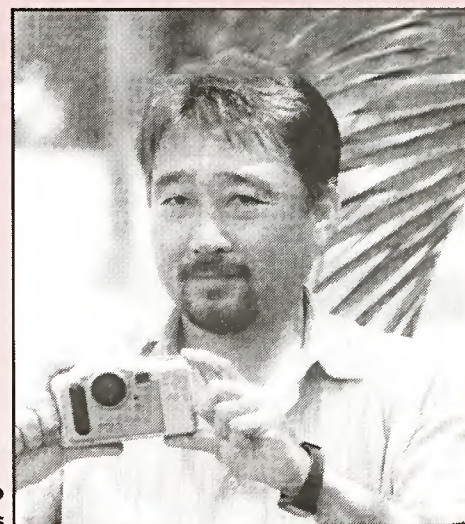
Oscar D'Ambrosio

Passado digital

Uma ajuda muito estimada pela arqueóloga Rùth Kunzli, da FCT, em seu trabalho pelo salvamento de material arqueológico na região da barragem Porto Primavera é a do engenheiro cartógrafo Julio Kiyoshi Hasegawa, do Departamento de Cartografia da FCT. Ele vem fotografando os sítios arqueológicos com câmaras digitais. “Elas não usam filme, mas um processo digital para capturar, gravar e processar imagens. Esses dados propiciam uma rápida e precisa reconstrução de superfícies em três dimensões”, explica o docente.

A grande vantagem das câmaras digitais é que elas permitem obter medidas sem que o objeto seja tocado. “Essa tecnologia auxilia, e muito, na localização de materiais em grandes sítios arqueológicos, em pouco tempo”, diz Hasegawa. “A técnica também pode ser aplicada em outras áreas, como na avaliação

de fisioterapias ou na ortodontia”, avalia o também engenheiro cartógrafo Antonio Tommaselli, coordenador do curso de pós-graduação de Engenharia Cartográfica da FCT, que desenvolve estudos na aproximação entre as câmaras digitais e a Medicina. (O.D.)



Hasegawa: documentação em três dimensões